

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ – ICESPI

RICARDO DE MOURA BORGES

CONCEITO DE AMIZADE NOS LIVROS VIII E IX DA ÉTICA A NICÔMACO

*Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto Católico de
Estudos Superiores do Piauí – ICESPI,
como requisito para a obtenção do título
de Licenciado em Filosofia, sob a
orientação do professor Ms. Pe. Ovídio
Carvalho F. Neto.*

**TERESINA – PI
2015**

RICARDO DE MOURA BORGES

CONCEITO DE AMIZADE NOS LIVROS VIII E IX DA ÉTICA A NICÔMACO

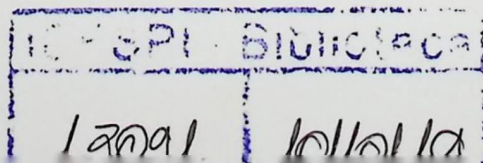
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí – ICESPI, como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Filosofia, sob a orientação do professor Ms. Pe. Osório Barbosa F. Neto.

CONCEITO DE AMIZADE NOS LIVROS VIII E IX DA ÉTICA A NICÔMACO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí – ICESPI, como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Filosofia, sob a orientação do professor Ms. Pe. Osório Barbosa F. Neto.

cod. 5829
100
B732c
Ex. 01

TERESINA- PI
2015



RICARDO DE MOURA BORGES

CONCEITO DE AMIZADE NOS LIVROS VIII E IX DA ÉTICA A NICÔMACO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí – ICESPI, como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Filosofia, sob a orientação do professor Ms. Pe. Osório Barbosa F. Neto.

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ – ICESPI

Licenciatura em Filosofia

Conceito 9,0

Data da aprovação: _____ de _____ de 2015

Pe. Osório Barbosa Teixeira Neto

Professor Ms. Pe. Osório Barbosa Teixeira Neto
Orientador

AGRADECIMENTOS

A Deus, à minha família, na pessoa dos meus pais (Maria Zeuda de Moura Borges e a meu padrasto José Ribamar dos Santos), aos padres Flávio de Sousa Santiago, Osório Barbosa, aos amigos que foram se constituindo através dos caminhos que me foram mostrados: Prof. Nívea Maria, Tássio Ernandes, Prof. Ms. Gleison Monteiro, Pe. Francisco Feitosa, Prof. Evando de Oliveira, Jailson Valentin e Walton Valdomiro e a todos aqueles que me fizeram refletir sobre cada linha dessa monografia.

"Quando você não sabe o que é a vida, é melhor
morar para esperar um dia melhor"

(O Pequeno Príncipe,
Antoine de Saint-Exupéry)

“Quando você me cativar aí sim teremos motivos para esperar um ao outro”.

(O Pequeno Príncipe,
Antoine de Saint- Exupéry)

RESUMO

Este trabalho tem como proposta analisar o conceito de amizade no livro *Ética a Nicomâco*, capítulos VIII e IX, de autoria do filósofo grego Aristóteles, coloca-se em relevo a definição do termo virtude e a supremacia da amizade (*phília*) para atingir a felicidade por meio da justiça na *pólis*. A amizade serve para ajudar a melhorar a vida das pessoas e no mundo grego ela possuía grande destaque, sendo que ninguém queria viver sem amigos, uma vez que, ter amigos era o maior bem que uma pessoa poderia ter. De acordo com Aristóteles, a amizade é necessária à vida das pessoas, para esclarecer isso ele aponta os tipos de amizades existentes: a útil, a agradável, e a que visa o bem. O livro *Ética a Nicomâco* traz como característica a explicação da ciência ética e da política, estes como meios de felicidade que estabelecem um tratado de virtudes humanas, abordando a natureza da amizade como uma virtude. O presente texto busca apresentar os conceitos sobre as formas de amor: *Phília*, *Ágape* e *Eros*, presentes na obra em análise, onde destacaremos a *Phília* fazendo uma ligação desta com a atualidade, apresentando as relações de amizade existentes no mundo pós-moderno e enfatizando a influência das novas tecnologias como um meio que amplia as relações de amizade. Neste trabalho também refletiremos a influência de Aristóteles na obra *O Pequeno Príncipe* de Antoine de Saint-Exupéry e nos quadrinhos da turma da Mônica, de Mauricio de Sousa buscando compreender as relações de amizades apresentadas nessas obras, e fazendo uma comparação destas com o modelo de amizade ideal defendida por Aristóteles na obra *Ética a Nicômaco* VIII e IX.

Palavras-chave: Amizade. Felicidade. Virtude. Pós-moderno. Tecnologia.

ABSTRACT

The related work is to analyze the concept of Aristotelian friendship in the book *Nicomachean Ethics* in Chapters VIII and IX, highlighting the definition of the term virtue and the supremacy of friendship (*philia*) to achieve happiness by doing justice in the polis. For friendship is to help improve people's lives and in the Greek world it had great importance because it was one of the most important links that can bring people together. By virtue of the philosopher down to mediocrity, where excess and lack would end in error, only one way to get the result, which would be related to the habit of doing good. According to Aristotle, no one can live without friends and can not have many friends, for that he points out the types of friendships: a useful, pleasant, and aimed at the well. The book has characterized the explanation of ethical science and politics, these as happiness means establishing a treaty of human virtues. The text analysis seeks to present the concepts of forms of love: *Philia*, *Agape* and *Eros*. With the theoretical basis the three philosophers: Socrates, Plato and Aristotle, with emphasis *philia* which will make a connection with the present, with the existing friendly relations in the post-modern world and emphasizing the impact of new technologies on people's lives, because many of them believe that technology is the easiest way to have friends, but in fact they promoted a break with the concept of Aristotelian virtue. In addition, it is necessary to reflect the influence of Aristotle in the works of the Little Prince and the comics of Monica's Gang, trying to understand the relations of friendship presented in these works, and emphasizing the forms of friendship, highlighting the ideal friendship model advocated by Aristotle in work under review.

Keywords: Friendship. Happiness. Virtue. Postmodern. Technology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1 A AMIZADE NO MUNDO GREGO	10
2 AS FORMAS DE AMOR – SÓCRATES E PLATÃO	18
3 A AMIZADE NA ÉTICA A NICÔMACO DE ARISTÓTELES	26
3.1 O que é ser amigo?	30
3.2 Como ser amigo (prática da virtude)	32
3.3 A Amizade entre iguais	36
4 A AMIZADE NOS DIAS ATUAIS E A VIRTUDE ARISTOTÉLICA	44
4.1 Em Busca do que é ser amigo hoje em dia	48
4.2 Amizade entre Cascão e Cebolinha	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	54
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

A amizade é um dos aspectos do ser humano que mais se busca nos dias atuais. Muitas pessoas vivem momentos difíceis quando o assunto é relações sociais afetivas. Com o mundo globalizado, e a sociedade cada vez mais conectada pelas redes sociais, as relações de amizade, passaram por uma série de transformações e modos de comunicação mais rápidos e eficazes, sendo que de certo modo, distanciaram as pessoas da convivência presencial. Por este motivo, iremos refletir a amizade, pois há aqueles que digam que não tem amigos, e outros dizem que possuem vários amigos, e há também aqueles que dizem que não precisam da amizade para viver bem. Essa busca constante nos faz perceber que a amizade é algo que os filósofos clássicos na antiga Grécia já debatiam. É um tema bastante presente na Filosofia. Esse tema tornou-se estudo de um dos filósofos gregos mais conhecidos do Ocidente: Aristóteles, que atuou em vários meios do conhecimento, sendo visto como um grande pesquisador e, sobre amizade, o mesmo apresenta três definições: A amizade útil, a amizade agradável e a amizade perfeita.

Os filósofos gregos se dedicaram a estudar diversos temas, pois a cultura grega tinha como base a razão (*logos*). E esta servia para explicação de diversos temas. A amizade sempre teve destaque, por ser considerada, por muitos pensadores gregos, uma virtude, sendo compreendida como de fundamental importância na vida das pessoas. Iremos refletir no capítulo inicial a amizade no mundo grego, destacando os principais filósofos que debateram sobre o tema. Tendo como finalidade destacar os conceitos atribuídos a amizade.

No capítulo seguinte trataremos das formas de amor vistas por Platão e Aristóteles, com uma reflexão sucinta do conceito de amor, enfatizando o pensar destes filósofos sobre a definição deste sentimento. Abordaremos, como Platão, um dos grandes filósofos da Grécia antiga, apresenta diversos conceitos dos principais filósofos gregos sobre o *Eros* e a *Phília* no livro O Banquete, destacando a importância da amizade como tema indispensável de sua filosofia e o meio da sociedade se organizar politicamente.

Enfatizaremos logo depois como Aristóteles estuda a amizade nos livros VIII e IX da Ética a Nicomâco, onde este reflete sobre as diversas possibilidades de amizade, dentro do contexto de sua época. Grande estudioso de vários temas, tais

como a virtude, a felicidade, a justiça. Iremos destacar a amizade acima dessas outros temas, destacando seu pensamento, pois ele reflete sobre esse aspecto inerente ao ser humano que é a amizade. Partindo de suas reflexões é possível definir a amizade nos dias atuais como o modo de viver bem, em qualquer setor social. Para ele a amizade era a virtude fundamental para o ser humano ser ético.

A presente monografia procurará esboçar, um entendimento sobre o que foi a amizade para os povos antigos gregos, chegando até a concepção formulada pelo filósofo Aristóteles, e depois por meio de analogia procuraremos adaptá-la aos dias atuais. Iremos apresentar essas definições no capítulo final, onde é perceptível que mesmo com o desenvolvimento das novas tecnologias, o ser humano muitas vezes se encontra sozinho em busca de um amigo, como veremos nos quadrinhos da turma da Mônica, onde há uma relação de amizade entre seus componentes, sendo que faremos uma apresentação da literatura de Antoine de Saint-Exupéry, para entendermos a amizade entre a raposa e o Pequeno príncipe buscando estabelecer um entendimento em relação à amizade entre iguais, proposta por Aristóteles.

Atualmente, as relações de amizade entre os seres humanos estão marcadas pelo capitalismo, pelas redes sociais, onde muitas vezes é tido como um ambiente frio e que dispensa as relações próximas com os seres humanos. Assim, surgiu a necessidade de se observar como a amizade ainda é composta e o que outros pensaram sobre esta. E como na filosofia, o banal se desbanaliza, passamos a centralizar a amizade como esse banal em nossos dias, onde muitas vezes o ser, ou o amigo real é substituído pelo amigo virtual.

Alguns filósofos, já falam de uma pós-modernidade e a intenção dessa monografia é refletir se a amizade proposta por Aristóteles está presente nos dias atuais. Pois em tempos de redes sociais em que muitas pessoas veem com prestígio ter milhares de “amigos” em seus perfis, o que desperta nosso interesse por esse tema é descobrir o que vem a ser amizade? Por isso temos grande interesse em refletir sobre a amizade, este sentimento que dá novo sentido a vida dos seres humanos, sendo uma virtude necessária. E para compreender esse sentimento seguiremos as orientações fornecidas por Aristóteles, conhecendo de início como era amizade entre os gregos, sendo estes os que mais escreveram sobre o tema.

1 A AMIZADE NO MUNDO GREGO

A Amizade (*Phília*) é vista desde tempos antigos como uma grande expressão do ser feliz, um sentimento que surgiu da razão. Na qual estava relacionada com as palavras amigo e amar. E é considerada uma virtude por Aristóteles. Era uma forma de compreender a ética e as relações entre as pessoas. Tendo como ponto de partida a sociedade grega para buscarmos um entendimento sobre a amizade, partimos, por meio de uma definição da mesma, encontrada no dicionário de filosofia: "Sentimento recíproco entre duas pessoas, desprovido de caráter sexual, e estabelecendo-se sobre o signo da igualdade e do respeito aos mesmos direitos e deveres" (Japiassú, 2006, p.8).

Contudo nossa análise a partir da sociedade grega nos faz ver que existiram outras definições para o termo amizade no mundo grego, pois nas obras de Homero, estão presentes outros modos de se observar a amizade. Como afirma Konstan (2005, p.41), "Entretanto, na linguagem de Homero, *Phílos* não se aplica especificamente a amigos, e isto suscita uma questão sobre descrição de amizade nas epopeias".

Por outro lado, existe o termo *Hetaíros*, que também é traduzido por amigo e observado em quatro tipos de relações sendo grupos pequenos, eticamente ligados em torno de um líder; agregados maiores equivalentes a um grupo étnico completo; grupos de líderes de grupos sociais independentes e, finalmente, líderes e todos os seus seguidores. Depois o termo *Xénos*, que é traduzido por amizade de hóspedes, significando um desconhecido, ou um amigo estrangeiro. O termo *Éros* que veremos mais tarde nas ideias de Platão, mas que está relacionado para o autor, na amizade existente entre os dois personagens de Homero, se referindo ao amor entre os personagens Aquiles e Pátroclo, mostrando um amor erótico, mas que caiu em desuso a partir do século IV, voltando a ser usada por Virgílio. Aqui o termo *Éros*, envolve uma subordinação entre o amante e o amado, se diferenciando da amizade que esta relacionada a um papel simétrico.

Outro termo utilizado na Grécia Arcaica é *Theápon*, que é traduzido como "escudeiro", ou "homem de confiança" e este, está voltado para a relação de serviço, aquela da qual alguém o obedece. Por exemplo, um comandante e soldado, o primeiro ordena e o segundo executa. Salientemos os personagens da Odisséia de

Homero, onde Pátroclo serve Aquiles de várias maneiras, até servindo na mesa da refeição.

E por fim temos a palavra *Phílos*, que na literatura arcaica pode ser utilizada em diversos sentidos, como por exemplo, quando se refere a um adjetivo, onde é substituída pela tradução “caro”, quando se refere a companheiros próximos, ou parentes, e pode se referir até as partes do corpo, como mãos e joelhos. E quando aplicada como substantivo esta relacionado às pessoas da comunidade que se pertencem ou a parentes.

Assim afirma Konstan (2005, p. 45):

Para resumir: contrariamente à suposição predominante, *phílos* na epopeia arcaica sempre sugere um afeto positivo, e isso diz muito a respeito da intensidade de sentimento, atribuída aos heróis, pelo lar e pelas pessoas amadas.

A comunidade grega arcaica é entendida ainda como aquela que não se ateve a filosofia como a entendemos posteriormente. Os mitos e os contos de Hesídeo e Homero permeiam a forma de compreensão do mundo grego. Esses mitos estão relacionados à explicação do mundo a partir de criações não racionais, como por exemplo, para explicar o surgimento do fogo, surgiu a figura mitológica de Prometeu que roubou o fogo dos deuses.

Segundo Konstan (2005, p.26):

A ideia da amizade não é apenas sobre determinada como o local de múltiplas oposições, mas é também disseminada, assumindo diferentes configurações, dependendo do ambiente social e até mesmo de interesses transitórios.

Por outro lado, na chamada Grécia Arcaica, houve muitas reformas em Atenas no se que refere à democracia. Com o crescimento do comércio no mediterrâneo, a população aumentou, fazendo surgir as primeiras *pólis*. Porém é no Período Clássico que a *pólis* se desenvolve e política e a razão se sobrepõe ao mito. “A *pólis* é o centro principal a partir do qual se organiza historicamente o período mais importante da evolução grega” Jaeger (2001, p. 106)

Diante disso, Abrão, (1999, p. 15) afirma que:

Uma NOVA maneira de pensar e de conceber o mundo origina-se e se desenvolve na Grécia Clássica, um mosaico de pequenas comunidades independentes que se espalhava junto ao Mediterrâneo da Jônia, na Ásia

Menor, até o sul da Itália. No centro estava a Grécia propriamente dita. Essa dispersão resultou das muitas invasões, dos povos em busca de terras cultiváveis. Ali tomam, corpo no século VI, as primeiras ideias sobre as quais vai se erigir o pensamento Ocidental.

Por meio dessa expansão e novos olhares sobre as formas de se explicar o mundo temos o nascimento propriamente dito da filosofia passamos, agora, como se deu a amizade nessa nova perspectiva. De início, destacamos que a amizade se mostra presente nas grandes discursões entre filósofos, onde os mesmos se reuniam e debatiam sobre os mais variados temas.

O modo de pensar agora esta centralizada na *Ágora*, pois os elementos que constituem a justiça e todo o desenvolvimento pleno do homem, que objetiva que virtude está na *Pólis* grega, ou seja, na cidade. Com essa confluência de relações fica difícil acreditar nos mitos anteriormente propostos, onde surgem novas concepções de mundo para explicar o conceito de alguns termos. Paulatinamente, vai se configurando a cidade grega, passando dos filósofos naturalistas que explicavam a realidade das coisas a partir da natureza, até se configurar no confronto entre os sofistas, que de acordo com Del Vecchio (2006, p. 15) estes eram:

Homens de grande eloquência e bravura dialética, percorriam cidades, sustentando em seus discursos teses assaz disparatadas; compraziam-se em se opor às crenças dominantes, muitas vezes suscitando escândalo público em razão de seus paradoxos.

Sendo aqueles que ensinavam por dinheiro, e manuseavam a “verdade” conforme as circunstâncias que lhes favoreciam, onde teremos como principais expoentes: Protágoras, Górgias e Hípias. E em oposição, o grande questionador dessa forma de pensar, Sócrates.

Como afirma Abrão (1999, p.36):

A vitória de Atenas sobre os persas, 479 a. C., marca também a consolidação da democracia na cidade. Dentre os novos valores que surgem está o da educação. Trata-se de formar cidadãos aptos à vida pública, e para isso dele se exige que sejam bons oradores, que saibam argumentar em público. Dessa educação encarregam-se os sofistas.

Ora, aqui já passamos por uma busca da verdade, e parece que o seu discípulo de maior influência foi o Platão, pois é deste que conhecemos o Sócrates questionador que procura ir além das aparências.

Assim, Sócrates (2000, p. 61):

Jamais fui mestre de ninguém, embora nunca me opusesse a jovem ou velho que desejasse me ouvir na execução de minhas tarefas. Tampouco falo se me pagam, e se não pagam, não; esteou da mesma maneira à disposição do rico e do pobre, para que me interroguem ou, se preferirem ser interrogados, para que ouçam o que digo. Se algum deles se torna honesto ou não, não é justo que eu seja responsabilizado pelo que nunca prometi nem ensinei a ninguém. Quem afirmar que de mim aprendeu ou ouviu em particular alguma coisa que não todos os demais, tenhais certeza de que falta com a verdade.

Sabendo que os filósofos procuravam a verdade, e esta agora estava entrelaçada no meio político, ou seja, na cidade grega, partimos para a amizade conferindo-a a Sócrates, a Platão e a Aristóteles. Assim, a amizade surge pela ajuda prestada ao discípulo Platão, que defende e eleva as ideias, os ensinamentos de Sócrates em seus escritos. Sócrates, por sua vez, acaba tomando cicuta por não ser aceito com suas ideias que se tornam causadoras de problemas em Atenas, sendo condenado à morte por corromper a juventude e desacreditar nos deuses gregos. Decepcionado com a morte de Sócrates o discípulo Platão desacredita na política como meio de solução e promoção de uma sociedade justa. Por isso, resta agora refletir sobre outras maneiras de se atingir a justiça e colocar Sócrates como defensor dela e da verdade.

Assim, Konstan (2005, p. 80) afirma:

Phíloi, então ocupa uma zona intermediária entre a consanguinidade e a pátria. A relação entre *phíloi* é voluntária ou adquirida ao contrário de uma conexão atribuída baseada em *status*, como a pertinência comum a uma família ou comunidade. Uma pessoa nasce em uma família ou cidade, mas faz amigos.

Os gregos defendiam que a amizade é a disposição de ser solidário com o outro, de lhe prestar ajuda quando for necessário, mostrando uma boa vontade ao servir a quem necessita, mas também indo além, partindo para uma concretização do ser amigo. Pois o amigo sente a amizade não pelo sentimento que o outro expressa, mas pela ação que faz na vida do outro. Se o amigo precisa de ajuda e não lhe é correspondido, isso leva a um rompimento da amizade, sendo rebaixado

para inimigo pessoal, como aponta Konstan (2006, p.23): “Os gregos, no entanto, viam a prestimosidade como a confirmação de intenções amáveis: ser um amigo é proporcionar ajuda quando ela é necessária”.

Por outro lado, há uma ligação entre política e amizade no mundo clássico, pois em Atenas a política era formada por grupos de (*Phíloi*) amigos. Entre eles era mais fácil haver laços de lealdade que serviriam de base para uma política democrática de sucesso.

Aristóteles fez um estudo mais completo sobre o termo *Phília*, com o objetivo de abordar não apenas conceitos definidos de amizade, mas, apresentando as múltiplas formas de amizade. Destacava que a amizade é o fator mais importante na vida das pessoas, porque na realidade nenhum ser humano gosta de viver sem amigos, ao mesmo tempo em que ele precisa ter amigos verdadeiros ao seu lado, não destacando o fator quantidade como essencial, mas ter os amigos necessários para um bom convívio social. Mas antes de Aristóteles não havia uma definição concreta do termo amigo, sendo que ter amigo era sinônimo de posse no final do século V a.C.

Assim, podemos entender que a amizade na *pólis* grega pode ser de acordo como na explicação de Vernant, (1998, p.49).

Os que compõem a cidade, por mais diferentes que sejam por sua origem, sua classe, sua função, aparecem de certa maneira “semelhantes”, uns aos outros. Esta semelhança cria a unidade da *pólis*, porque para os gregos, só os semelhantes podem encontrar-se mutuamente unidos pela *Phília*, associados numa mesma comunidade. O vínculo do homem com o homem, vai tornar assim, no esquema da cidade, a forma de uma relação recíproca, reversível, substituindo as relações hierárquicas de submissão e domínio. Todos os que participam do Estado, vão definir-se *Hómoioi* semelhantes, depois, de maneira mais abstrata como os *Isoi*, iguais. Apesar de tudo o que os opõe no concreto da vida sócia, os cidadãos se concebem, no plano político, como unidades permutáveis no interior de um sistema cuja lei é o equilíbrio cuja norma é a igualdade. Essa imagem do mundo humano encontrara no século VI sua expressão rigorosa num conceito, o de isonomia: igual participação de todos os cidadãos no exercício do poder [...]. Vários testemunhos mostram que os termos isonomia, isocratia, serviram, em círculos aristocráticos, para definir, por oposição ao poder absoluto de um só (a monarquia ou a tirania), um regime oligárquico em que *arché* é reservada a um pequeno número, executando-se a massa, mas é partilhada de maneira igual entre todos os membros dessa elite. Se exigência de isonomia pôde justificar a reivindicação popular de um livre acesso do *demos* a todas as magistraturas, foi sem dúvida porque se enraizava numa tradição igualitária muito antiga, foi porque correspondia mesmo a certas atitudes psicológicas da aristocracia dos *hippeis*. É, com efeito, essa nobreza militar que estabelece pela primeira vez, entre a qualificação guerreira e o direito de participar nos negócios públicos, uma equivalência que não será mais discutida.

Para ele, ser amigo de verdade, era estar presente na vida de uma pessoa querida, em todos os momentos e se a pessoa fosse um amigo de verdade, teria a mesma atitude, ou seja, existiria o que ele chama de reciprocidade, pois o que fizermos pelas pessoas elas também deverão fazer por nós. Pois um dos conceitos mais defendidos por Aristóteles é que não existe amizade sem reciprocidade. Ele colocou a amizade como destaque em suas análises políticas e éticas.

Diante disso, ele afirmou que existem três tipos de amizade a útil, a agradável e a ideal. Destacando que a primeira corresponde aquele tipo de pessoas que tem um determinado amigo apenas por interesses pessoais, ou seja, por causa de algum benefício que está pessoa pode trazer para sua vida, sem na realidade existir um sentimento fraterno entre eles. A segunda é definida como uma amizade egoísta, apenas por prazer, é aquela amizade entre os mais jovens, mas é uma amizade passageira, que pode acabar a qualquer momento. Segundo Aristóteles esses tipos de amizade tem características de pessoas más, que só querem ter amigos, que possuem algo útil ou prazeroso a oferecer. E o terceiro tipo defendido por Aristóteles, é a amizade verdadeira, ideal; aquela que o amor prevalece entre as pessoas acima de qualquer interesse, ou seja, é aquela amizade sincera, que protege e que acolhe. Assim, o verdadeiro amigo, seria alguém virtuoso, que deseja e faz o bem as pessoas em todas as relações sociais. Mas para alcançar esse grau de amizade, ou seja, ser amigo de verdade é preciso esperar um tempo para que as pessoas reflitam sobre suas atitudes e busquem serem virtuosas. É amizade construída no dia a dia.

Assim Aristóteles (2008, p.181-182) diz:

A amizade perfeita é a dos homens que são bons e afins na virtude, pois esses desejam igualmente bem um ao outro enquanto bons, e são bons em si mesmos. Ora, os que desejam bem aos seus amigos por eles mesmos são os verdadeiramente amigos, porque o fazem em razão da sua própria natureza e não acidentalmente. Por isso sua amizade dura enquanto são bons – e a bondade é uma coisa muito durável. E cada um é bom em si mesmo e para o seu amigo, pois os bons são bons em absoluto e úteis um ao outro. E da mesma forma são agradáveis, porquanto os bons o são tanto em si mesmos como um para o outro [...].

A amizade só será verdadeira entre pessoas de atitudes nobres, semelhantes nas boas ações, sendo assim ela será uma amizade firme, por causa das atitudes de amor entre as pessoas surge a felicidade, porque elas tem verdadeiros amigos, ou seja, amigos virtuosos.

Assim, Aristóteles (2008, p.173) afirma:

A amizade não é apenas necessária, mas também nobre, pois louvamos os homens que amam seus amigos e considera-se que uma das coisas mais nobres é ter muitos amigos. Ademais, pensamos que a bondade e a amizade encontram-se na mesma pessoa.

Por outro lado, para muitos gregos não deveria existir amizade nas relações de poder, em que uma pessoa estava hierarquicamente acima da outra, ou seja, só deveriam ser amigos pessoas de classes iguais. Existia uma ideia de que para ajudar a determinado amigo, e ser considerado um verdadeiro amigo, era necessário eliminar os inimigos deste, sendo entendida com uma teoria de que aquele que fizer mal a um amigo meu é a mim que está fazendo.

Na obra *Ética a Nicômaco*, Aristóteles destaca que a amizade serve como uma espécie de relação que organiza as atitudes humanas, desenvolvendo um meio capaz de produzir ações virtuosas que favorecem os amigos. Ou seja, os amigos devem se ajudarem na busca de se tornarem virtuosos, ao mesmo tempo em que estão ajudando a si próprio encontrar a felicidade. Ficando evidente que, para se ter uma vida virtuosa é preciso ter amigos.

Como aponta Aristóteles (2008, p.176):

A amizade perfeita é aquela que existe entre os homens que são bons e semelhantes nas virtudes, pois tais pessoas desejam o bem um ao outro de modo idêntico, e são bons em si mesmos. (...) Mas é natural que tais amizades sejam raras, pois homens assim também são raros. Além disso, uma amizade dessa espécie exige tempo e intimidade.

Assim, a amizade surge casualmente ou com o tempo, isso vai de acordo com as situações ou tipo de pessoas que tem uma relação de amizade. Aristóteles sempre evidenciou em seus discursos que amizades verdadeiras demoram a chegar à vida do ser humano, exigindo experiências diárias com o amigo, ou seja, convívio; e por esse motivo que esse tipo de amizade são raras e elas exigem que os amigos tenham gostos em comum e muita interação, pois a virtude é algo que nasce da ação humana.

Aristóteles enfatiza que a amizade é algo desejável, mesmo para aqueles que possuem todos os bens, colocando o amigo como aquele ser que nos estimula a pensar e agir.

Segundo Aristóteles, (2008, p. 172):

(...) Com efeito, ninguém escolheria viver sem amigos, ainda que dispusesse de todos os bens, e até mesmo pensamos que os ricos, os que ocupam altos cargos, e os que detêm o poder são os que mais precisam de amigos; de fato, de que serviria tanta prosperidade sem a oportunidade de fazer o bem, se este se manifesta sobre tudo e em sua mais louvável forma em relação aos amigos? Ou então como se pode manter e salvaguardar a prosperidade sem amigo? Quanto maior ela for, mais perigos ocorrerá. E por outro lado, as pessoas pensam que na pobreza e no infortúnio, os amigos são o único refugio. A amizade (...) estimula a prática de nobres ações, pois com amigos "dois que andam juntos" as pessoas são mais capazes de agir e de pensar.

O valor atribuído à amizade na Grécia era destaque nos poemas líricos e épicos como também nos poemas trágicos. A amizade era capaz de juntar os cidadãos gregos, que muitas vezes se encontravam distantes por causa de suas vidas agitadas em busca de alcançar objetivos particulares.

Diante do que foi apresentado acerca da amizade no mundo grego, faremos a partir de agora uma reflexão sobre as formas de Amor defendidas por Sócrates e Platão.

2 AS FORMAS DE AMOR – SÓCRATES E PLATÃO

Platão foi um dos filósofos antigos que trouxe diversos argumentos para o termo amor (*Éros*) e afirmava que o amor era a carência que uma pessoa sentia pela falta de alguém. Era a constante procura da beleza no outro. Muitas pessoas pensam que o amor defendido por Platão era o tipo não correspondido, mas se enganam, pois ele não desprezava o amor carnal, o enxergava como o início de outras formas de amar.

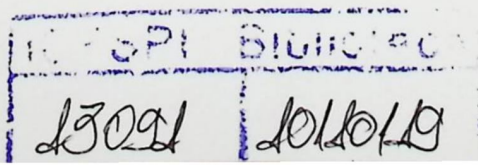
O amor na Grécia está relacionado a diversos setores, como no campo político ele era exercido com a liberdade entre “iguais”. Já na família existia um tipo de amor desigual, onde as mulheres e os escravos eram inferiores ao chefe da família, no caso o homem grego, e demonstravam a este outro tipo de amor, ou seja, o amor hierárquico. Pois ao escravo cabia o trabalho manual e a mulher servia para a procriação. Como bem salienta a filósofa Hanna Arendt, (1999, p. 35-36).

O ser político, o viver numa pólis, significava que tudo era decidido mediante palavras e persuasão, e não através da força e da violência. Para os gregos, forçar alguém mediante violência, ordenar ao invés de persuadir, eram modos pré-políticos de lidar com as pessoas, típicos da vida fora da pólis, característicos do lar e da vida em família, na qual o chefe da casa imperava com poderes incontestes e despóticos.

Essa compreensão de mundo nos ajudará a entender como as relações sociais se estabeleciam na Grécia Antiga nos norteando para o aprofundamento do tema proposto. Essa visão de hierarquia vinha desde os tempos homéricos onde os bem nascidos (*aristói*) tinham a função de conduzirem o destino da *pólis* grega. Contudo, muitas mudanças ocorreram na era clássica, onde a aristocracia guerreira deu lugar aos moradores da cidade, onde a *Phília*, amor ou amizade passa a ter o sentido de “reciprocidade”, entre os iguais, ou seja, a amizade passa a ser o alicerce da vida pública das relações da cidade.

Outra característica é a necessidade de pensar o tema metafisicamente pois gregos passam a refletir a compreensão do mundo e de toda a existência baseia-se na noção de ser. Aqui aparecem as perguntas na *pólis* grega, sobre o que é a verdade? O que é a virtude? E foi a partir do Sócrates que ouve por assim dizer o nascimento da ética.

Diante disso Pegoraro (2008, p. 21) afirma que:



Já falamos de Sócrates que perdeu a vida por defender as ideias da ética e da política que ele formulou embrionariamente. A semente socrática caiu em terra fértil, na alma de Platão, que a cultivou e a fez render a grandiosa obra dos Diálogos. Platão nunca se afastou da raiz e da temática de Sócrates. Mas colocou-as num cenário tão grandioso quanto imaginoso e profundo, envolvendo o mundo dos deuses dos homens e da sociedade política.

O próprio Sócrates também teve a sua vida permeada pelo amor, deixando três filhos com sua esposa Xantipa, da qual se tornou uma figura irritante até mesmo posteriormente onde Shakespeare invocou seu nome como uma mulher “má e impertinente”, na obra “A Megera Domada” Como afirma Shaffer (2012, p.14). Na língua inglesa a palavra *Shrew*, tem duas significâncias, uma atribuída a roedor, e outra atribuída à megera. O nome da esposa do Sócrates ficou relacionado ao termo, sendo que existe na África Ocidental um roedor chamado de “*Crodidura Xantippe*”, Shaffer (2012, p. 14) em homenagem a Xantipa.

É com Sócrates que passamos a refletir as formas de amor e entender a amizade, tendo em vista que os primeiros filósofos chamados naturalistas, como Táles de Mileto, Demócrito, Parmênides entre outros, tinham a intencionalidade de discutir não as questões que permeavam a *pólis* grega como os relacionamentos, mas era em descobrir o princípio formador de todas as coisas. A filosofia passa a ter um novo marco, a partir de Sócrates, pois o homem assume o centro das reflexões filosóficas.

Diante disso, Pegoraro (2008, p. 19) afirma:

Nas conversas e discursos, nas ruas e praças de Atenas, Sócrates insistia na necessidade de restaurar a imagem do homem, que deveria voltar à sua interioridade, “conhecer a si mesmo”, e recuperar seu valor e dignidade moral. Esta é a base para que tenhamos um bom cidadão numa *pólis* justa. Portanto, a ética nasce com os temas centrais, nunca esgotados, do bem, da virtude, do valor da pessoa e da sociedade justa. É esta a pregação ética e política que Platão, na idade de 20 anos, ouviu e aprendeu do mestre Sócrates.

Agora iremos enfatizar as formas de amor defendidas por Platão. As obras dele estão divididas em três momentos: “Os primeiros diálogos”, depois “diálogos do período intermediário”, e por fim “Os últimos diálogos”. Não cabe um estudo de todos os diálogos, mas nos atentaremos ao Banquete, onde é discutido sobre o *Eros* e a escala para o Belo; e *Lysis*, que é o diálogo onde temos a diferenciação sobre os tipos de amor e os diálogos sobre a amizade.

Assim afirma Ghiraldelli, (2011, p. 31):

Os primeiros escritos de Platão correspondem aos diálogos em que o personagem Sócrates é um filósofo consagrado em Atenas. Nesse caso, Sócrates parece ser o "Sócrates Histórico", ainda que, é claro, seja o Sócrates histórico forjado por Platão.

Para os gregos da antiguidade era necessário buscar a felicidade, tal qual como hoje o homem busca ser feliz constantemente, mas essa busca estava ligada para o sábio, que devia ter uma vida de acordo com a virtude e a razão. No diálogo *Górgias*, Platão (1949, p. 197) através de Sócrates afirma que:

Tal é, segundo penso, o fim que é preciso ter sem cessar diante dos olhos para dirigir sua vida. É preciso que cada um empenhe todas as suas forças, todas as do Estado, na direção desse fim, a aquisição da justiça e da temperança como condição da felicidade.

Essa afirmação sobre a felicidade e o estudo do banquete sobre o amor para Platão melhora nossa visão sobre as diferentes formas de amor existentes no mundo grego, e como a felicidade esta relacionada com o amor. Assim, sabemos que não é fácil definir a palavra amor, que por sua vez se encontra banalizada nos dias de hoje. O filósofo francês Roland Barthes (1981, p. 50) define o amor assim:

O que eu penso do amor? Em suma, não penso nada. Bem que eu gostaria de saber o que é, mas estando do lado de dentro eu o vejo em existência, não em essência (...). "Mesmo que eu discorresse sobre o amor durante um ano, só poderia esperar pegar o conceito "pelo rabo", por flashes, formulas surpresas de expressão, dispersos pelo grande escoamento do imaginário: estou no mau lugar do amor, que é seu lugar iluminado." O lugar mais sombrio, diz um proverbio chinês, é sempre embaixo da lâmpada"

Sendo o filósofo contemporâneo e mostrando a dificuldade de mostrar uma definição para a palavra amor, devemos mesmo assim arriscar em busca de um conceito para podermos analisar. Para nos orientar partiremos da compreensão das três formas de amor: *Ágape*, *Eros* e *Phília*.

A palavra *Ágape* significa amor entre irmãos, não se supõe reciprocidade, pois é um amor onde o amante não espera retribuição do amado, é, portanto, a benevolência universal ou a fraternidade onde zelamos pelos outros. Os cristãos primitivos direcionavam o amor *ágape* para as refeições fraternais onde estavam à mesa aqueles que mais tinham juntamente com os pobres, dando sentido a verdadeira caridade, obedecendo aos ensinamentos de Cristo de como "amar o próximo como a si mesmo".

Já o amor *Eros* esta direcionado aos prazeres sexuais, ou relações amorosas no sentido latente do termo associando exclusivamente a reciprocidade, onde o amante e o amado proporcionam prazer um ao outro. O ser humano aqui se mostra não apenas mais como racional, mas como um ser de desejos, pois seu objetivo é conquistar o amado, obtendo uma força que o impulsiona pela busca de alegria e de prazer. Interessante salientar que o outro ou o amado não é um mero objeto de prazer para o amante, mas essa busca com o amor *Eros* se fundamenta no reconhecimento do amado, havendo um desejo recíproco entre ambos.

Porém, mesmo que os animais também vivam a sexualidade para a procriação, apenas nos seres humanos é que existe o erotismo praticamente dito, onde está além da procriação, mais voltado para as satisfações que lhe proporcionam prazer, ou seja, é uma busca psicológica. Sendo uma expressão do ser que deseja, a sexualidade humana ama e escolhe seu parceiro, estabelecendo uma comunicação entre o mundo e o outro, numa linguagem única onde pode se haver vínculos que possam coexistir com mais tempo ou passar apenas por um tempo efêmero.

E por fim temos o amor *Phília*, que é traduzido por amizade, aqui nos lembramos do filósofo Pitágoras que foi o primeiro a falar sobre os termos filosofia que significa amor pela sabedoria ou, amizade pela sabedoria como característica essencial de todo filósofo. Esse amor é vivido na família, ou entre os membros de uma comunidade, geralmente entrelaçado pela generosidade, pelo desprendimento, e a reciprocidade, elementos estes que veremos mais adiante, ou seja, a estima mútua.

Entendendo essas três formas de amor podemos nos adentrar com mais segurança na obra o Banquete de Platão para entendermos o amor sobre sua visão e assim passarmos para a amizade. Na obra O Banquete, Platão apresenta a discussão sobre o *Eros*, na casa de um poeta chamado de Agatão, sendo que seu amigo Sócrates está presente usando túnica nova e de banho tomado. Aqui é discutido e formulado por Sócrates o nascimento de *Eros*, ora este teria nascido da união de *Pênia* e de *Poros* no nascimento da deusa Afrodite. *Eros* passa a ser carente como a mãe e planejador e ardiloso como o pai. *Eros* não é um deus mais um gênio que é imortal e está presente em todos os seres humanos. A posição intermediária de *Eros*, torna a pessoa um filósofo, ou seja, um amante da sabedoria, ou um amigo da sabedoria.

De acordo com Jaeger (2001, p. 723-724):

É Platão o criador da nova forma filosófica do Banquete. A narração literária e a nova interpretação filosófica da antiga prática social associam-se nele a organização da vida espiritual na escola. (...) A escola de Isócrates refletiu-se a sobriedade do mestre, que via o excesso de bebida a ruína da juventude ateniense. E nem sobre o *Eros* pensava diferentemente. Mas Platão obriga as duas forças *Eros* e Dionísio, a se colocarem a serviço da sua ideia. (...) Na sua teoria do *Eros* lança uma audaciosa ponte sobre o abismo que separa o apolíneo do dionisíaco. (...) A união do *Eros* e da Paideia, eis a ideia central do Banquete.

Contudo a expressão *Eros* é colocada como amor e não como *Phília*. Ora o filósofo como expressão primeira de Pitágoras é o amigo da filosofia. Mas o *Eros* destacado por Platão é o amor erótico, onde o amor heterossexual é a melhor forma de se obter a imortalidade, pois, através da relação sexual entre homem e mulher é possível à geração de filhos, que perpetua a espécie humana e a sua descendência.

Para Ghiraldelli, (2011, p. 45):

O amor às diversas atividades culturais é um amor, que dá chances para a geração de algo imortal, dentro de uma série de coisas na esfera do belo/bem. A atividade de estudos ou a grande poesia ou a política em favor da moderação e justiça na cidade – tudo isso, que é também o fruto de geração no belo/bem, pode garantir a verdadeira felicidade à medida que se encaminha para o que pode ser efetivamente imortal.

Nesse encontro entre os convivas que discursam sobre o amor está Aristófanes discursando esse tema através do mito. Esse mito é muito interessante, pois se refere ao amor platônico dos dias de hoje. No início de tudo os seres humanos eram seres esféricos e duplos, com dois rostos numa só cabeça, quatro braços e quatro pernas e com três sexos; onde um tinha duas metades masculinas e o outro duas metades femininas e o terceiro sexo composto por metade masculina e outra metade feminina, que é o andrógênio. Os deuses foram desafiados pelos humanos que viviam felizes dessa forma, então o rei dos deuses Zeus resolveu cortar os dois para que ficassem fracos assim, Zeus lançou um raio e os dividiu em dois. Fracos e tristes, cada metade buscou encontrar a sua outra metade, para poderem se completar e serem felizes de novo.

Assim afirma Platão (2001, p. 46):

Porém, primeiro precisareis conhecer a natureza humana e as modificações por que passou. Antigamente, nossa natureza não era como a de agora, mas muito diferente. Para começar, havia três sexos, e não dois apenas,

como hoje: masculino e feminino. Além desses, havia um terceiro, formado dos outros dois; o nome ainda subsiste porém o sexo desapareceu. Em verdade, era o sexo andrógono, com a forma e nome dos outros, masculino e feminino. Porém só o nome chegou até nós, bastante desmoralizado. Além do mais, no todo, os homens eram redondos, com o dorso e os flancos como uma bola. Possuíam quatro mãos, iguais números de pernas, e dois rostos perfeitamente iguais num só pescoço bem torneado, e uma única cabeça com rostos dispostos, em sentido contrário, quatro orelhas, dois órgãos genitais e tudo mais pelo mesmo modo, como esta fácil imaginar.

Quando Sócrates toma a palavra, depois da exposição do mito do amor, já se tem a formulação de que o amor é um anseio humano, uma busca de completude, ou seja, uma totalidade do ser, representando também um processo de aperfeiçoamento do próprio ser, visto que agora esta sozinho e necessita de sua outra metade. Mas Sócrates se lembra da conversa que ele teve com a sacerdotisa Diótima sobre a natureza e a origem do *Eros*. Ela explica que *Eros* nasceu de Poros (Engenhoso), e de *Pénia* que é a Pobreza. Ora, são dois opostos que se uniram e assim nasceu *Eros*. Sendo assim o amor nada mais é do que esse desejo de ter aquilo do qual ainda não temos, mas desejamos ter futuramente. Ou o amor seria o não possuir querendo possuir, assim fica mais fácil entender as palavras de Vinícius de Moraes (1960, p.96) ao dizer: “Eu possa me dizer do amor que tive, que não seja imortal posto que é chama, mas que seja infinito em quanto dure”.

Sendo assim, Platão (2001, p. 65-66) afirma que:

É longa a história, me falou; mas apesar disso vou relatá-la. No dia em que nasceu Afrodite, os deuses aprestaram um banquete, achando-se presente entre eles Poros ou *Expediente*, filho de Métis ou Invenção. Já no fim do banquete, chegou a Pobreza, com a intenção de aproveitar aquela oportunidade única para mendigar, e se colocou perto da porta. Nesse entremeio, *Expediente* embriagado de néctar – pois ainda não se conhecia o vinho – penetrou no jardim de Zeus e logo adormeceu pesadamente. Então, a Pobreza, espicaçada por sua própria indigência, pensou na possibilidade de ter um filho com *Expediente*: deitou-se-lhe ao lado e concebeu *Eros*. Assim, tornou-se *Eros* servidor e companheiro de Afrodite, por ter sido gerado no dia de seu nascimento e por ser Afrodite, bela e ele naturalmente amante das coisas belas. E porque filho de *Expediente* e de Pobreza, trocaram-lhe os seguintes predicados: Para começar, é sempre pobre e esta longe de ser delicado e belo, conforme crê o vulgo. Ao revê-lo disse: é áspero, esquelético, e sem calçado nem domicílio certo; só dorme sem agasalho e ao ar livre, no chão duro, pelas portas das casas e nas estradas. Tendo herdado a natureza da mãe, é companheiro eterno da indigência. Por outro lado, como filho de tal pai, vive a excogitar ardis para apanhar tudo o que é belo e bom; é bravo, audaz, expedito, excelente caçador de homens, fértil em ardis, amigo da sabedoria, sagacíssimo, filósofo o tempo todo, feiticeiro temível, mágico e sofista.

Então Platão através de Sócrates, estabelece uma relação entre o *Eros* (amor), e a filosofia (amor ou amigo da sabedoria), indo além de Aristófanes que deixou claro que o amor se dava pela busca da outra metade. Mas Sócrates incrementa a necessidade de buscar o *Eros* como uma ânsia de realização do eu autêntico, abrindo caminho para o além das aparências como defende seu mestre Platão. Assim, desligando-se da paixão ou busca pela outra metade, o indivíduo filósofo deve se ocupar pela contemplação da beleza. Com o passar da vida o homem envelhece e nota que é mais fascinante a procura pelo amor intelectual do que pelo amor sensível, sendo que este se deteriora, se acaba, passa com o tempo. O homem amadurece descobrindo a beleza da alma.

O dualismo platônico entre corpo e alma nos ajudará a entender os três tipos de alma que o seu aluno Aristóteles irá nos propor no próximo capítulo, portanto faz de fundamental importância que nos adentremos nessa divisão para entendermos a passagem do amor para a amizade ou o entrelaçamento que existe entre esses dois sentimentos sublimes do homem. Priorizando o mundo das ideias mais que o mundo sensível, Platão diz que antes de nossa alma encarnar no corpo, a alma viveu num mundo das Ideias, onde conheceu a realidade das coisas através da intuição, sem a necessidade de usar os sentidos. Ao unir-se ao corpo, a alma torna-se prisioneira e esquece-se de tudo. A alma passa a ter duas partes: primeiro a alma superior, que é chamada de alma sensitiva, e a alma inferior ou irracional, também conhecida como a alma do corpo, sendo que esta se subdivide em: alma irascível, que é a alma responsável pelos impulsos, e esta localizada no peito; e a alma concupiscível, onde está à sede do desejo humano de bens e prazer, especificamente sexual e localizado no ventre.

O conhecimento verdadeiro fica impedido por meio da alma inferior, está escravizada pelo sensível. Assim é necessário para o filósofo que a alma superior domine a alma inferior para se chegar à contemplação da verdadeira beleza. O pensamento de Platão foi para além do que poderíamos aceitar nos dias de hoje, onde classificava os seres inferiores dos seres superiores e onde até os casamentos deveriam ser controlados pelo Estado.

Diante disso, Shaffer (2012, p. 18-19) afirma que:

Na utopia de Platão, os casamentos são organizados pelo Estado, baseando-se na eugenia. Se casais "inferiores" tem filhos, as crianças serão "colocadas em lugar desconhecido e misterioso, onde devem permanecer".

Os filhos dos casais "superiores", patrocinados pelo Estado, também serão apartados dos pais, para serem criados pela comunidade; nenhuma criança conhecerá os pais, nem estes conheceriam os filhos. As crianças chamarão todos os adultos, que encontrassem de "mãe" ou "pai", e todos de idade similar, de "irmão" ou "irmã". Para evitar problemas associados à propriedade privada, as esposas não pertenceriam apenas ao marido. Em vez disso, "mulheres devem ser sem exceção, esposas comuns dos (...) homens, e ninguém deve ter uma esposa só dele". Como esse arranjo "comum" afetaria o programa de criação patrocinado pelo Estado não fica claro, apesar de Platão afirmar que mulheres fora do intervalo de idade entre vinte e quarenta anos que ficassem grávidas teriam de sofrer um aborto – ou cometer um infanticídio.

Assim o autor nos mostra como a ideia do amor por busca da metade do outro, como dizia o Aristófanes, vai ganhando outra conotação para o filósofo Platão, que chega ao extremo de separar os pais dos filhos, e os esposos das esposas a fim de segundo ele, garantir uma sociedade onde prevalecesse a justiça, e a fortaleza. A partir daqui percebemos que Platão mesmo sendo professor de Aristóteles se distancia da conceito de amizade e de amor por acreditar no amor intelectual e na contemplação do belo como fonte segura de se chegar à verdade. Mas é interessante ressaltar que os dois foram muito amigos, e que a característica do ser filósofo não é a de copiar o mestre, mas sim de produzir novos conhecimentos, ou aprofunda-los a partir do conhecido, do ensinado. É impossível praticamente refletir sobre a amizade grega sem se debruçar sobre as três colunas de pensadores gregos: Sócrates, Platão e Aristóteles.

Passemos agora para um aprofundamento maior sobre o tema da amizade, onde procuraremos refletir com mais propriedade sobre o que Aristóteles entendia por *Phília*, e porque ela é tão necessária para sua Ética a Nicômaco.

3 A AMIZADE NA ÉTICA A NICÔMACO DE ARISTÓTELES

Aristóteles nasceu em Estagira, na Grécia no ano de 384 a. C. Era filho de um médico chamado Nicômaco. Quando era adolescente foi para Atenas, procurar uma boa formação na cidade. Ali encontrou duas escolas que lhe chamaram atenção, a do sofista Isócrates, que se preocupava mais com a retórica e a outra escola era a Academia de Platão, que tinha por base a busca do conhecimento menos instável, e na constituição das ciências matemáticas.

Ele escolheu a Academia de Platão, e permaneceu até o ano de 347 a. C. quando morreu o mestre Platão. Em 343 a.C. foi convidado pelo então rei da Macedônia, Filipe, para ser preceptor de Alexandre o Grande. No ano de 336 a. C, Alexandre o Grande subiu ao trono e começou a organizar seu enorme império e Aristóteles voltou a Atenas, onde fundou uma escola denominada Liceu, pois se localizava perto do templo Lício dedicado ao deus Apolo. O pensamento aristotélico tomou um rumo diferente do mestre Platão, pois a preocupação com a biologia, desde os tempos da Academia, fê-lo apoiar-se no espírito de observação, próprio das ciências em sentido empírico. Aristóteles foi, junto com Platão e Sócrates, um dos fundadores da filosofia ocidental. Criou o primeiro estudo formal da lógica e avançou nos campos da biologia, ética e política.

Diante disso, Shaffer (2012, p. 26):

Aos trinta e sete anos Aristóteles se casou com Pítias, de dezoito anos, filha adotiva de seu mentor, Hérmiias. A idade deles correspondia exatamente à idade ideal para se casarem, apontou o filósofo romanticamente. O registro histórico indica que o casamento deles foi feliz. [...]. Pítias morreu jovem, deixando Aristóteles a tarefa de criar uma filha do casal, uma menina também chamada Pítias [...]. Casou-se em seguida, com uma mulher chamada, de maneira pouco conveniente, Hérpiles.[...]. Pouco antes de morrer, Aristóteles pediu para ser enterrado ao lado da primeira esposa.

Após a morte de Aristóteles foram reunidas as suas obras, e podemos observar três obras nas quais o filósofo desenvolve o tema da amizade, que são Ética a Nicômaco, Ética a Eudemo e também a Magna Moralia, mas nosso objeto de estudo é estabelecer o conceito de amizade para Aristóteles na primeira obra citada, nos livros VIII e IX.

Para isso, Aristóteles (2001, p. 173) afirma que:

Muitos pontos relativos á amizade são objetos de debate. Alguns a definem como uma espécie de afinidade e dizem que as pessoas semelhantes são amigas, daí vem os aforismos "semelhante com semelhante", "cada ovelha com sua parêlha", e etc.; enquanto outros dizem que "dois do mesmo ofício nunca se entendem". "Outros tentam buscar causas profundas, e mais físicas para este sentimento, como Eurípedes, por exemplo, que diz: "a terra seca ama a chuva, e divino céu, quando pleno de chuva, adora cair sobre a terra, e Heráclito:" o que se opõe é que é amigo", e" de notas tão diferentes, é que nasce a bela melodia", e ainda:" todas as coisas são geras pelo antagonismo", enquanto Empédocles e outros sustentam o ponto de vista contrário, segundo o qual o semelhante busca o semelhante.

Como vimos no capítulo anterior, sobre a importância do Sócrates e do Platão em teorizarem sobre o amor e mostrarem que na Grécia Clássica a preocupação esta numa definição sobre um comportamento moral e ético, agora com Aristóteles temos uma distinção entre saber teórico, contemplativo e prático, sendo estes fundantes para a ética que logo vai se elaborar posteriormente.

Primeiro temos o saber teórico, que é aquele onde o conhecimento dos seres e fatos naturais e divinos age independente de nós. O segundo é o saber prático que depende de nós para existir, e subdivide-se em dois tipos: a práxis e o agente, sendo que a ação e a finalidade do agir são inseparáveis ou idênticos. No exemplo, onde o indivíduo fala a verdade, o que foi dito, o falante e a fala são inseparáveis, já na técnica o agente, a ação, e a finalidade da ação são diferentes e estão separadas. Aqui ao se produzir algo, o agente é independente do produto e o produto não é o agente em questão.

Pegoraro (2008, p.21) diz que:

Aristóteles trabalhará a mesma temática de seu mestre Platão colocando-a, porém, numa moldura simples e concreta: "mundo sublunar". Platão teve que "inventar", o Mundo Superior para responder aos problemas que colocou. Aristóteles, por um outro caminho, enquadró-os de modo objetivo, sempre baseado na experiência do que via. Numa palavra, ele sistematizou as teses de Sócrates e Platão, num contexto do mundo que o homem realmente conhece a partir da experiência e do que os sentidos lhes mostram.

Na Ética a Nicômaco Aristóteles procura, portanto, o que representa o fim último de todas as atividades do homem, sendo que tudo o que realizamos tem por objetivo chegar a um fim, e este fim é o Bem, ou pelo menos o que nos aparenta ser o bem. Por isso, Aristóteles analisa a justiça, a amizade, a honra, a fama, ou seja, tudo que desejamos na vida, o filósofo observa que o ser humano tem por finalidade a felicidade *eudaimonia*, esta é o sumo bem buscado por todos.

Os temas discutidos na *Ética a Nicomâco* estão divididos praticamente em dez: o bem, moderação, praticar escolhas, virtudes, justiça, razão, sentimentos, amizade, amor e tudo tendo por finalidade a Felicidade.

Aristóteles, como filósofo também realiza o exercício mais complexo da racionalidade, mas reconhece que as pessoas comuns também aspiram pelo saber, pois se satisfazem quando tiram as suas dúvidas. E isso é uma forma de felicidade, também. Assim, a existência humana não se resume apenas ao intelecto, como propunha Platão, e encontra sua expressão na ação, ou na atividade realizada. Ele estabelece como objetivo juntar o existente por meio das atividades com o princípio racional. Por exemplo, a função de um professor de história é ministrar aulas de história, mas a de um bom professor de história é ministra-las bem. Portanto, está é a atividade exercida de acordo com a sua virtude.

Virtude é essa disposição de caráter para querer o bem, ou seja, as disposições internas ou externas para se almejar o bem, o que supõe a coragem de assumir os valores escolhidos e para enfrentar empecilhos que dificultam a ação. Do latim, “*vir*” significa homem, varão, daí “*virtus*”, significa poder, potência. Lembremos que potência é a capacidade de se passar ao ato. Uma andorinha não faz verão, nem um dia tampouco, e da mesma forma um dia, ou um breve espaço de tempo, não faz um homem feliz e venturoso. Aristóteles, (2008, p.179)

A vida moral se dá a partir da repetição do agir moral. O agir moral, ou a moral se constitui a partir do hábito, fundado no desejo e também na capacidade de preservar o bem, assim também como a felicidade deve ser pra vida toda e não apenas em um momento. Ora se o intelecto se desenvolve através da aprendizagem, a virtude também é resultado da prática e do hábito.

A virtude esta associada à mediania, ou seja, agir com virtude é encontrar o justo meio entre dois extremos, que são chamados de vícios, como vimos anteriormente. Poderíamos ver os exemplos propostos pelo filósofo.

Diante disso, Aristóteles (2008, p. 162):

A virtude da coragem pode tornar-se excessiva quando é temeridade (audácia excessiva) e deficiente na covardia; “gastar dinheiro” pode significar a virtude da generosidade, da prodigalidade, enquanto seus extremos são a dissipação ou a avareza; a virtude da temperança é o meio termo entre voluptuosidade e insensibilidade. No trato com os outros, a virtude é a afabilidade enquanto seus extremos são a subserviência e a grosseria.

A amizade, por sua vez, está acima da justiça, pois é desta que nasce a justiça, mas nem sempre da justiça pode nascer uma amizade. Tratar os outros por meio da justiça consiste em distribuir os bens de acordo com a devida proporção, ou seja, de acordo com o seu mérito demonstrado. A amizade é o coroamento da vida virtuosa, possível apenas entre aqueles que são justos e prudentes, pois a amizade supõe a justiça, a benevolência, a generosidade, a reciprocidade dos sentimentos. Amar a si e aos amigos de maneira desinteressada e também generosa é o que existe de mais necessário para viver.

Na obra *Ética a Nicômaco* encontramos a síntese das virtudes que constituíam a moralidade grega durante o tempo da Grécia Clássica. Distinguindo assim vícios e virtudes pelo excesso e pela falta de moderação, onde um vício é a conduta em excesso e o contrário é deficiente, sendo a virtude um sentimento ou uma conduta moderada.

Para Aristóteles, (2001, p.173):

Examinemos entre os problemas relativos aos homens, os que dizem respeito a caráter e sentimento; por exemplo, a amizade pode se manifestar entre duas pessoas quaisquer, as pessoas más podem ser amigas, e existe só uma espécie de amizade, ou mais de uma.

E com as amizades funcionaria do mesmo modo, com as demais coisas? A busca por um amigo verdadeiro, seria então tê-los em demasia, ou nem tê-los seria a melhor solução? Aristóteles afirma que o que importava era a qualidade de suas amizades e não a quantidade, assim Aristóteles vai buscar um meio termo que adeque para a função e a conceituação do que é ser amigo.

Assim diz Gaarder, (1995, p. 131):

Aristóteles acreditava em três formas de felicidade: a primeira forma de felicidade é uma vida de prazeres e satisfações. A segunda forma de felicidade, é uma vida como um cidadão livre, responsável. E a terceira forma de felicidade é a vida com pesquisador e filósofo.

E para se chegar à felicidade através da amizade, somente é possível através da prática da virtude. Destacando que as pessoas não devem ser nem covardes, nem audaciosas a ponto de perder a própria vida, nem esbanjadores, mas generosos, e assim por diante. Esse esclarecimento nos faz remeter o quanto a amizade é importante e que tipo de amizade vamos construindo a partir das relações sociais que nos são apresentadas.

Gaarder (1995, p.131) afirma que:

Aristóteles sublinha o fato de que é preciso integrar essas três formas a fim de que o homem possa levar uma vida realmente feliz. Ele recusa, portanto, toda e qualquer decisão unilateral. Se Aristóteles, vivesse hoje, talvez ele dissesse que a vida de uma pessoa que só cultiva o corpo é tão unilateral – e portanto tão lacunosa – quanto à vida de outra que só usa a cabeça. Ambos os extremos são expressões de um modo errado de viver a vida.

A amizade pode ser dada entre diversas formas como, por exemplo, entre iguais ou em parentesco, ou entre cidades e até animais como veremos a seguir, mas esta se dá de forma justa através da bondade entre os amigos e a busca da justiça. Lembremos sempre que a ética de Aristóteles está voltada para a *pólis* grega, e esta só poderá ser feliz através do pleno desenvolvimento das potencialidades humanas, sendo o sentimento da amizade o mais justo e perfeito para que se possa compartilhar as dores e as alegrias na cidade e também para se aperfeiçoar nas relações sociais.

Para Aristóteles o homem por natureza é um “ser político”, portanto ele compartilha interesses e compartilha amizades, mas a amizade por interesse não é a amizade verdadeira, nem a amizade por utilidade nem a por prazer, e aí sim surge uma definição de amizade verdadeira através da amizade entre os amigos iguais. Diante disso, veremos a seguir o significado do ser amigo.

3.1 O que é ser amigo?

Aristóteles reflete o tema da amizade sob diversos aspectos, destacando que existe uma necessidade de se ter amigos, em qualquer fase da vida, onde em cada circunstância da vida a amizade se apresenta de um modo favorável para uma boa vivência na *pólis* grega, ela ajuda a melhor pensar e agir, lembrando que o pleno desenvolvimento das atividades e faculdades humanas para o filósofo se dá através do uso da filosofia, ou seja, da razão. A amizade passa a ser essencial e caracteriza-se como algo bom e que deve ser buscado sempre.

Diante disso, Aristóteles, (2008, p. 173) afirma que:

A amizade ajuda os jovens a evitar o erro; ajuda os mais velhos, amparando-os em suas necessidades e suprimindo as atividades que declinam com o passar dos anos; e os que estão no vigor da idade ela

estimulam a pratica de nobres ações, pois com amigos – “dois que andam juntos”- as pessoas são mais capazes de agir e de pensar.

O filósofo também propõe que existe uma amizade natural, que organiza o cosmos, e proporciona uma boa relação não apenas com os homens, mas também com os animais que são amigos com aqueles da mesma espécie. O filósofo vai mais longe ao afirmar que as cidades também estabelecem um vínculo amistoso, onde a amizade é mais preocupante do que a própria justiça, esclarecendo que a amizade entre as pessoas se faz mais presente do que na própria necessidade de se manter um espaço justo, no sentido que é a partir dessa amizade é que a justiça nasce nas relações.

Assim afirma Aristóteles, (2008, p. 172-173):

Também os pais parece senti-la naturalmente pelos filhos e os filhos pelos pais, não só entre os seres humanos, como também entre as aves e a maior parte dos animais. Membros da mesma raça a sentem uns pelos outros, principalmente a dos seres humanos, e por isso louvamos, os que são amigos de seu semelhante. Até em nossas viagens, podemos observar a formação de uma afinidade e afeição entre as pessoas. A amizade também parece também manter as cidades unidas, e dir-se-ia que os legisladores preocupam-se mais com a amizade do que com a justiça, pois buscam assegurar acima de tudo a unanimidade, que parece assemelhar-se à amizade.

Dessa forma apresentamos uma busca do que é ser amigo para o filósofo, tendo como pano de fundo a discordância que este tem com seu mestre Platão, onde este apresenta o mundo das ideias como forma de contemplação da pura e perfeita verdade, sendo o mundo em que vivemos uma mera aparência, então poderíamos supor que a verdadeira amizade para o filósofo estaria em outro mundo, ou seja, o das ideias. Contudo para Aristóteles que não assumiu o lugar de Platão, a amizade estaria aqui no plano da realidade que nos encontramos, e através dos sentidos é que conseguiríamos entendê-la, mas indo para além da razão o filósofo nos mostra o plano dos sentimentos: “Podemos deixar de lado os problemas físicos, pois não pertencem à presente investigação” Aristóteles, (2008 p. 173), para passar a refletir sobre um tema que até hoje se faz presente na vida do ser humano.

Por tanto, Abrão (1996, p.61) afirma que:

Aristóteles distingue três tipos de alma: vegetativa, a sensitiva e a racional. A primeira, comum a todos os seres animados, é o princípio da nutrição, e da reprodução. Da alma sensitiva só participa o gênero animal: os animais

(inclusive os homens) possuem a sensibilidade pela qual sentem o que não acontece com as plantas. E por fim, a alma racional, a razão, é exclusiva da espécie humana.

Assim, a amizade perfeita é aquela que surge a partir da junção dos três tipos de alma afirmadas na citação. Para Aristóteles o amigo é aquele que busca a amizade através da espécie do que é bom, ou a busca do bem em si. Nessa amizade o objetivo é o amor que é dirigido para os amigos em si e não pelo que eles podem proporcionar ou pelos objetos materiais que eles tem. Aqui é o caráter e a cumplicidade, e a reciprocidade desinteressada que conta. Já que esta amizade não se estabelece por contrato, nem surge e se vai como algo passageiro, ela vai se alimentando da convivência e aumenta com o passar do tempo. Como veremos no último capítulo os dois amigos que desde a infância nutriram a amizade, e mesmo chegando à fase adulta e casando, não esqueceram um do outro. Assim se constitui a verdadeira amizade para Aristóteles. O caráter e a reciprocidade de um amigo para com o outro estabelece vínculos de uma amizade verdadeira, constituindo por analogia um casamento, onde um promete fidelidade amando-o como amigo, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, na felicidade e na tristeza.

Chalita (2003, p. 173) afirma que:

Esta amizade de que podemos dizer ser a mais verdadeira, não nasce de repente nem se estabelece por "contrato". Ela se nutre da convivência e cria raízes com o passar do tempo, à medida que os amigos se conhecem mutuamente, compartilham as experiências individuais de cada um e passam juntos por pequenos e grandes momentos que compõe as suas vidas.

Visto estas diversas compreensões acerca do que é ser amigo, procuraremos refletir sobre como ser amigo de modo mais realista.

3.2 Como ser amigo (prática da virtude)

Compreendemos então pelo que foi dito que a amizade verdadeira é aquela que se torna desinteressada nos prazeres que o outro possa oferecer ou naquilo que o outro possa beneficiar materialmente, pois essas espécies de amizade, prazer, e utilidade, são apenas complementos da amizade verdadeira, sendo acidentais e não essenciais para a sua composição.

Assim, já temos por analogia, a vida do pequeno príncipe que saiu de seu planeta em busca de uma amizade ao perceber que a rosa, sua amiga, nada mais era do que uma amizade que buscava se beneficiar e não oferecia nada em troca, pois era muito orgulhosa. Agora nos basta saber como o filósofo discutiu a prática da virtude, ou seja, como chegar ter verdadeiros amigos, e como conhecer aqueles que se aproximam para as outras duas espécies de amizade.

A espécie de amizade que visa o bem, onde discutimos em parte a relação do príncipezinho e da raposa, e também dos personagens cebolinha e Cascão do conhecido Mauricio de Sousa, na Turma da Mônica, são para Aristóteles amizades raras, sendo definidas, que durante toda a nossa breve existência nesse mundo, não conseguiremos muitos amigos verdadeiros.

Aristóteles (2008, p.176) afirma que:

Uma amizade assim, como seria de esperar, é permanente visto que eles encontram um no outro todas as qualidades que os amigos devem possuir. Toda amizade, com efeito, visa ao bem ou prazer, quer em abstrato, quer em relação àquele que sente a amizade e baseia-se em uma certa semelhança.

Mas se Aristóteles mesmo diz que a amizade deve ser buscada e que existe uma certa semelhança entre aqueles que se tornam amigos, é necessário entendermos que esta amizade se dá por meio da reciprocidade, de gostos e também de diferenças onde o outro amigo possa entender o limite de seu companheiro de caminhada. Como observaremos mais adiante a amizade de Cascão por Cebolinha, onde os dois tem forma diferentes de ser, Cebolinha adora tomar banho e Cascão odeia, mas mesmo assim, existe uma cumplicidade e um elemento chave para a amizade dos dois, que é a compreensão de aceitação do outro tal como ele é.

Por isso, Aristóteles (2008, p. 178):

Mas é natural que tais amizades, não sejam muito frequentes, pois que tais homens são raros. Acresce que uma amizade dessa espécie exige tempo e familiaridade. Como diz o provérbio, os homens não podem conhecer-se mutuamente enquanto não houverem "provado sal juntos"; e tampouco podem aceitar um ao outro como amigos, enquanto, cada um não parecer estimável ao outro e este não depositar confiança nele. Os que não tardam a mostrar mutuamente sinais de amizade desejam ser amigos, mas não o são a menos que ambos sejam estimáveis, e o saibam; porque o desejo da amizade pode surgir depressa, mas a amizade não.

Não podemos pensar a prática das virtudes gregas dissociadas da cidade, portanto existe um princípio regulador, como fonte segura que pense nas praticas corretas da justiça e do bem, pois é na *pólis* que o indivíduo desenvolve suas potencialidades máximas, se tornando capaz de obter a felicidade. E a amizade é de fundamental importância, acima até da justiça.

Para Aristóteles (2008, p. 188):

Cada uma das constituições comporta amizade na exata proporção em que comporta a justiça. A amizade entre governantes e governados depende da quantidade de benefícios conferidos, pois um rei beneficia seus súditos quando, sendo um homem bom, cuida do bem estar destes tal qual faz o pastor com as suas ovelhas (por isso Homero chamou Agamenon de "pastor dos povos"). A amizade de um pai é desse gênero embora este exceda o outro na grandeza dos benefícios dispensados, pois é a causa da existência dos filhos, o que se considera o maior dos bens, e do mesmo modo cuida de sua alimentação e educação. Tudo isso se costuma também atribuir aos avós. Além disso, um pai, por natureza, tende a governar seus filhos, os avós, os descendentes, e os reis, os seus súditos. Estas amizades implicam superioridade de uma parte sobre outra, e é por isso que se prestam honras aos antepassados.

Essa forma de amizade é dada pelo filósofo como amizade por familiaridade, ou seja, é como se de certa forma existisse obrigatoriamente uma forma de amizade desde sempre. Aqui, de certa forma é uma prova da existência da amizade como algo natural, pois já existe um amor amigo de um pai para com seu filho desde o nascimento. Contudo, as relações de pais para com seus filhos podem também com a variação do tempo se tornarem em relações de inimizades, mas esse fator inimizade vai se caracterizar ora pela falta do amor do pai para com o filho, ora da falta desse amor do filho para com o pai, ou da natureza da forma de como um conhece o amor do outro.

Mas o filósofo salienta também outras formas de amizade, e já sabendo como ser amigo na relação familiar, passemos agora para outros tipos de relações de amizade, tais como as que envolvem associação, pois essa forma é quando os cidadãos gregos de diferentes famílias, tem que conviver no mesmo ambiente, ou seja, na *pólis*. E agora são convidados pro meio das regras sociais, para construir ou desenvolver o que há de melhor em si, e assim a cidade possa crescer e objetivar a felicidade para todos.

Contudo, o homem grego desenvolve suas potencialidades na cidade a partir do que ele sabe fazer de melhor. Ora, o sapateiro fará, portanto os melhores

consertos em seu ofício, já o pedreiro será o melhor construtor de sua cidade, e o padeiro produzirá os melhores pães e bolos, o médico conseguirá os remédios para as piores doenças que estão levando a população a degeneração e a morte. Contudo, cada um desenvolvendo da melhor forma suas habilidades, tornar-se-ão amigos, mas cada um na sua área e cada indivíduo com o salário que for estipulado pela cidade como mais justo possível. Assim, a ideia de justiça e a finalidade da amizade estará em pleno desenvolvimento.

Por isso, Aristóteles (2008, p. 189) conclui:

Como dissemos toda amizade, envolve associações. Entretanto, pode-se distinguir das outras a amizade dos familiares e dos camaradas. A amizade entre os cidadãos, membros de uma tribo, companheiros de viagens, e outras desse tipo, assemelham-se mais às amizades de associação, pois parecem basear-se em uma espécie de pacto. Nesta classe poderíamos incluir a amizade ligada à hospitalidade.

Sendo assim, existe uma relação de amizade que implica nas disposições de caráter e nas práticas da virtude como vimos anteriormente, mas impossibilitando, portanto duas pessoas que possuem caráter diferentes de serem amigos, pois se nascer amizade desse tipo será baseada na obtenção do prazer, ou por algum interesse que satisfaça uma ou ambas as partes, portanto, não sendo uma amizade verdadeira e justa.

Para isso, para Aristóteles (2008, p. 200):

As relações amigáveis com seu semelhante e as características pelas quais se definem as amizades parecem derivar das relações de um homem para consigo mesmo. Com efeito, definimos um amigo como aquele que deseja e faz, ou parece desejar e fazer o bem no interesse de seu amigo, ou como aquele que deseja que seu amigo exista e viva por si mesmo (isso é o que as mães sentem pelos seus filhos, e o que sentem os amigos que se desentendem). Outros definem o amigo como aquele que vive na companhia de uma outra pessoa e tem os mesmos gostos que essa pessoa, ou o que compartilha os pesares e alegrias de seu amigo (e isso também é encontrado, sobretudo nas mães). É por algumas dessas características que se definem a amizade.

Assim a amizade não se separa da justiça. Essas duas virtudes se relacionam e se complementam, fundamentando a unidade que deve existir na cidade. A justiça que garante o princípio da igualdade, e a amizade é essa associação entre iguais. Sendo assim o justo, como aquele que toma posse da parte do que lhe cabe, sendo também aquele que distribui o que é devido a cada um de acordo com suas

atividades desenvolvidas. Chamada de justiça distributiva é aquela que se dá pela distribuição justa de acordo com o mérito das pessoas.

Como ser amigo através das práticas da virtude, nos ajudam a lançar um olhar mais profundo e adequado para desembocarmos na busca entre amizades entre iguais dos quais veremos no próximo sub-tópico.

3.3 A Amizade entre iguais

Ao que parece depois do que vimos sobre a amizade é que esta deve se dar de forma perfeita a partir do momento que um amigo não tenha a necessidade de se beneficiar do outro com seus bens materiais. Portanto, a verdadeira amizade surge quando ambos vivem de forma recíproca e possuem as condições necessárias para que possam desfrutar de uma boa amizade. Com os mesmos sustentos, duas pessoas de classes sociais iguais podem ser realmente amigas, mas uma pessoa de classe inferior, da qual lhe falta o necessário para viver não é possível ser amiga de uma pessoa de classe superior, que tem muito para viver, pois um objetivará ganhar bens materiais do outro, e este por sua vez procurará algum benefício a seu favor, como se fosse uma relação de troca. Provavelmente Aristóteles observou diversas formas de amizade na Grécia Clássica para se chegar a tal conclusão.

A equidade proposta pelo filósofo está relacionada não ao gênero entre homem ou mulher, mas as disposições de caráter ou as virtudes morais que existem nos seres humanos, assim podemos entender a amizade como ponto fundante para que haja a justiça na cidade, estabelecendo harmonia no cosmos. Seria mais justo, portanto, que o amigo fosse de acordo com o seu papel desempenhado na sociedade grega, como por exemplo, o sapateiro por sua vez possuiria as características necessárias de se aproximar em relação de amizade para com outro sapateiro, tendo em vista que se este se aproximasse do rei numa relação de amizade, provavelmente não objetivaria mais o bem e sim um interesse tanto do sapateiro em se beneficiar do rei, como do rei em obter algum serviço de graça deste.

Se observamos mais acima que a virtude para Aristóteles é o ponto nodal para formulação de uma polis justa que tem por finalidade alcançar a felicidade, a amizade deve mergulhar-se em águas cristalinas, desempenhando sua atividade por meio de méritos e conquistas próprias do indivíduo, que desenvolve suas

capacidade físicas e mentais na cidade, e portanto a amizade estaria para favorecer o bem do outro e o seu próprio bem. Assim essa amizade provocaria a ordem do cosmos grego. Lembrando que o cosmos é a organização do caos, da desordem, da bagunça, daquilo que está fora de ordenamento, por isso essa necessidade do homem grego de reestabelecer essa ordem e promover a justiça. Contudo, isso não é algo distante do homem, mas a partir da realidade Grega é que surgem as relações humanas, e que são dadas sentidos a partir das configurações estudadas pelos filósofos gregos.

O próprio Aristóteles caracteriza os seres existentes na terra como seres inferiores e seres superiores, sendo os animais seres inferiores e os homens seres superiores, pois possuem a alma racional, e os animais possuem apenas a alma vegetativa e sensitiva. Na obra de Saint – Exupéry, o pequeno príncipe torna-se amigo de uma raposa, ou seja, um ser superior consegue atingir a verdadeira amizade a com um ser inferior, contudo o livro é uma literatura que se distancia da realidade estudada por Aristóteles, mas o que realmente o literata quer mostrar é que a amizade surge de formas simples, a raposa possui racionalidade, assim como os humanos, e é ela quem propõem ao jovem príncipezinho como a amizade deve acontecer.

Assim diz Saint Exupery, (2006, p.68):

E foi então que apareceu a raposa:- Bom dia – disse a raposa.- Bom dia – respondeu educadamente o pequeno príncipe, que, olhando a sua volta, nada viu. - Eu estou aqui – disse a voz, debaixo da macieira...- Quem és tu? – perguntou o príncipezinho. – Tu és bem bonita...- Sou uma raposa – disse a raposa.- Vem brincar comigo – propôs ele – Estou tão triste...- Eu não posso brincar contigo – disse a raposa. Não me cativaram ainda.- Ah! Desculpa – disse o príncipezinho. Mas, após refletir, acrescentou:- Que quer dizer “cativar”?- Tu não és daqui – disse a raposa. – Que procuras?- Procuo os homens – disse o pequeno príncipe – Que quer dizer “cativar”?- Os homens – disse a raposa – têm fuzis e caçam. É assustador! Criam galinhas também. É a única coisa que fazem de interessante. Tu procuras galinhas? - Não – disse o príncipe. – Eu procuro amigos. Que quer dizer “cativar”?- É algo quase sempre esquecido – disse a raposa. – Significa “criar laços...”

O “criar laços” entre o príncipe e a raposa mostram a sintonia da amizade pelo bem proposta por Aristóteles, acontecendo assim à amizade que visa o bem entre iguais.

Diante disso, Konstan (2005, p. 105):

Entretanto, *philia* não é um nome para as reponsabilidades contraídas, ou para o vínculo constituído pelas obrigações reciprocas. Significa afeição em Aristóteles e em grego de modo geral. As variedades de relacionamentos amorosos são o tema do tratado de Aristóteles, e ele não exclui os apegos sentimentais que se desenvolvem das associações mutuamente vantajosas, sem falar no prazer da companhia mútua.

Os apegos sentimentais são bases de sustentação para a amizade proposta por Aristóteles, não é apenas racionalmente uma amizade fria que visa à felicidade do outro, porque essa irracionalidade, ou os sentimentos proporcionam maior evasão para a construção da justiça e da finalidade que é a busca da felicidade na polis grega.

A busca constante por um amigo, aonde nos levar a refletir sobre o número de amigos que deveríamos ter, nos possibilitando obter inúmeros amigos já que a amizade é uma coisa boa, que nos encaminha para a justiça e a para a felicidade. O certo então seria buscamos inúmeros amigos tais quais somos, de acordo com nossas virtudes, com nossas possibilidades de coexistir no mundo, e assim viveríamos felizes. Se no livro o Banquete Aristófanes propõe que o amor se dará quando encontramos nossa metade que foi partida por Zeus, na amizade deveríamos de acordo com Aristóteles (2008, p.212) buscar nossos iguais.

Devemos, então, fazer o maior número possível de amizades, ou o que se diz á respeito da hospitalidade (aparentemente com razão) "não ser homem de muitos convidados, nem homem de nenhum" aplica-se também á amizade e não deve se viver sem amigos, nem ter um numero excessivo deles?

Aristóteles se preocupa com o número de amigos que uma pessoa pode obter, e distingue as três formas de amizade que existem e as possibilidades de serem encontradas na *pólis*. Mostrando que muitas vezes a demasia de amizades poderia prejudicar ao invés de beneficiar a pessoa, em analogia é um tempero que dá sabor a comida e que precisa ser utilizado na medida certa, pois em demasia o tempero seria prejudicial. A grande questão do filósofo é saber se aqueles amigos dos quais discutimos, que são bons e praticam a virtude, devemos tê-los em demasia ou um número proporcional?

Diante disso Aristóteles (2008, p. 213) afirma:

Em relação aos amigos, igualmente existe um número determinado – talvez o maior número com que se pode conviver (pois conviver, como vimos é a característica mais marcante da amizade), e é evidente que não se pode

conviver com muitas pessoas e dividir-se entre todas. Além disso, essas pessoas também devem ser amigas umas das outras, se elas tem de passar a vida juntas, e dificilmente essa condição será satisfeita com um numero muito grande de indivíduos. Tampouco será fácil compartilhar as alegrias e os pesares íntimos de muita gente; para isso, alguém teria ao mesmo tempo de alegrar-se com um amigo e contristar-se com outro.

Dessa forma como foi demonstrado pelo filósofo, um grande número de amigos causaria não a felicidade mais dores de cabeça, pois é impossível de dar conta de um variado número de amigos, que ao mesmo tempo o procurariam para compartilhar suas felicidades, enquanto outros as suas tristezas, sendo que assim, seria difícil retribuir a amizade.

Parece que a amizade estabelece-se a partir de um grau, onde seu grau maior só pode ser dado com um número reduzido de pessoas. A amizade, portanto, estreita laços entre duas pessoas, como no caso de Cebolinha e Cascão, sendo a turma da Mônica composta por vários personagens, onde todos são amigos, observaremos mais adiante, que é que na figura desses dois personagens distintos que a amizade vai estreitar com maior intensidade mostrando o grau de intensidade apontado por Aristóteles, como amizade por camaradagem.

Para isso, Aristóteles (2008, p. 213) afirma que:

Parece que convêm não procurar ter o maior numero de amigos que pudermos, mas somente quantos forem suficientes para os fins do convívio, visto que parece impossível ser um grande amigo de muitas pessoas. É por isso que não podemos amar varias pessoas ao mesmo tempo. O amor é como um excesso de amizade, e isso so se pode sentir por uma única pessoa; segue-se daí que também so podemos sentir uma grande amizade por poucas pessoas.

Percebemos que o filósofo utiliza o mesmo método da virtude onde por excesso e pela falta acabamos saindo do trilho para obter a verdadeira amizade, como exposto acima, vimos que ter muitos amigos seria um erro, e se não os temos seria um erro muito grave, portanto, a amizade se daria por poucos indivíduos, que caminhariam juntos durante a vida, compartilhando alegrias e sofrimentos, pois isso seria uma necessidade que temos em compartilhar com o outro. Mas o filósofo reflete também sobre isso e nos deixa mais ensinamentos quanto a essa necessidade. Seria uma contradição um amigo lembrar-se de outro apenas nas horas difíceis da vida como, por exemplo, se seu pai houvesse falecido, ou sua esposa estivesse com uma doença terminal, ou estivesse desprovido de dinheiro

para pagar as contas e os cobradores o ameaçassem de morte, ou seu filho estivesse lhe dando dores de cabeça por estar usando drogas, ou seja, nas diversas possibilidades de infelicidade por situações adversas, e quando estivesse em um momento de extrema felicidade, como ganhar na mega sena, ou casar-se com uma pessoa que realmente ama, ou quando seu filho passasse no vestibular deixar o amigo de lado para comunicar coisas boas seria uma tremenda injustiça e isso não resultaria em amizade, sendo que para Aristóteles chamar os amigos para as situações de felicidade para compartilhar as boas coisas é um momento muito nobre que merece ser compartilhado.

Por esse fato, Aristóteles (2008, p.214) diz que:

Tanto em um como no outro caso eles são procurados, porque, se na adversidade os homens necessitam de ajuda, na prosperidade eles necessitam de pessoas com as quais conviver e às quais possam beneficiar, já que desejam fazer bem aos outros. Desse modo a amizade é mais necessária na adversidade, e por essa razão, são os amigos úteis que buscamos em tal circunstância. Mas na prosperidade, pelo contrário, a amizade é mais nobre, e em tal caso buscamos também homens bons para serem nossos amigos, pois é mais desejável conviver e fazer bem a eles.

Aqui observemos a característica fundamental da ética de Aristóteles, que é saber a finalidade do homem. Pois em todas as ações do homem ele visa alguma finalidade, e isso não é diferente na amizade, sendo que seu objetivo é alcançar algum bem. A convivência e fazer o bem aos amigos bons resulta de uma relação saudável, pois lembramos que para Aristóteles existe uma hierarquia de bens a serem buscados pelo homem, classificando os bens como alguns necessários, mas que haja um bem último a ser desejado, devidamente sabemos que esse bem é a felicidade, portanto a amizade pelo bem é a busca da concretização da felicidade que tanto o homem almeja. Assim Pegoraro, (2008, p. 41) diz que: "Ora diz Aristóteles, numa hierarquia de bens e fins ordenados uns aos outros é preciso que haja um bem final, que sintetize todos e que será o fim último e supremo. Este bem é a felicidade".

Concluimos aqui, portanto, que as diferentes formas de amizade propostas pelo filósofo podem conviver na mesma situação, contudo existe um afunilamento nas relações de amizade, e assim elas podem mostrarem-se mais adequadas quando são praticadas por pessoas virtuosas que almejam a justiça e o bem. Existe uma troca útil de coisas prazerosas com os amigos dos quais amamos, onde em

situações adversas da vida, encontramos amigos que nos auxiliam em um novo trabalho, ou em trabalhos da escola, por exemplo, pois um amigo gosta de ajudar o outro com as coisas materiais e com favores, sendo demonstrável que a simples companhia de um amigo verdadeiro é agradável para os dois.

Essa relação de amizade pode ser entendida também na obra o Banquete da qual tivemos o prazer de nos debruçar no segundo capítulo, onde estiveram reunidos na casa de Agatão, os amigos de Platão para discutirem o amor e as suas formas. Imaginemos que existia uma relação de amizade entre os interlocutores, contudo é perceptível pela hierarquia e a afunilamento da amizade, que Platão era, portanto mais amigo de Sócrates, do que de Aristófanes que criou o mito de como surgiu o amor. Platão em seu dialogo, portanto da poder a Sócrates em seu diálogo, mostrando a sua teoria das ideias embutida nos discursos de seu mestre.

Conforme Konstan (2005, p. 116) afirma:

Os gregos geralmente concordavam que, se alguém tratasse mal seus amigos ou não lhe prestasse assistência em uma emergência, merecia perde-los. Com respeito a isso, a amizade impunha obrigações éticas, que de modo compreensível, eram muitas vezes ilustradas em termos econômicos. Mas quando Aristóteles registra a opinião comum de que até os ricos precisam de amigos, explicam que eles devem ter espaço para a liberalidade; não sugerem que eles armazenem aliados contra um a futura mudança de sorte. Um favor ou serviço prestado para outra pessoa era comumente expresso em grego pela palavra *Kháris*, que também significa, em contextos apropriados, graça ou charme. Um favor coloca o receptor sob a obrigação de desempenhar algum serviço ou *kháris* em troca, e o significado do termo grego cobre também o sentido da dívida, se algum fica atrás na troca de benefícios.

Também poderíamos pensar a amizade de Platão com Aristóteles, pois anos mais tarde o discípulo discordará do mestre propondo a verdade das coisas ao mundo sensível e descartando a possibilidade de entendimento das coisas a partir do mundo inteligível, contudo são amigos e alguns historiadores deixam claro em afirmar que provavelmente Aristóteles assumiria o lugar da Escola fundada por Platão, deixando a escola apenas depois da morte do mestre. Sendo que não foi à toa que Aristóteles permaneceu mais de 20 anos com Platão, não apenas pelos ensinamentos, tendo em vista que se fossem inimigos não duraria nem mais que um mês, mas sim por também possuírem uma relação de amizade entre iguais com pensamentos distintos. Claro que sabemos que o aluno não necessariamente necessita da amizade do professor, e que a escola filosófica propunha o conhecimento da filosofia e também desde a tradição de Pitágoras a contemplação

da matemática e das formas geométricas, contudo como vimos anteriormente o filósofo Aristóteles quando saiu de sua casa, teve duas escolhas de escolas para aprender o conhecimento da época e escolheu a escola de Platão, também é notório que em nenhum de seus escritos pelo que saibamos Aristoteles não tenha esgrachado ou falado mal de seu mestre, mesmo discordando das ideias, formulou uma nova forma de compreender o mundo, mas não criou inimizade com Platão, muito pelo contrario, pensamos que ele tinha muita estima pelo mesmo.

Para Aristóteles (2008, p.215):

Os homens desejam compartilhar com seus amigos aquilo que, para eles, a existência significa, e aquilo que, segundo supõem, dá valor a vida. Assim, alguns bebem juntos, outros jogam dados juntos, outros se juntam nos exercícios atléticos, na caça e ou no estudo da filosofia, passando os dias juntos na atividade que eles mais amam na vida, qualquer que seja ela. De fato, como desejam viver com seus amigos, fazem e compartilham aquelas coisas que lhe dão o sentimento da convivência.

Assim a amizade entre homens justos e bons cresce devido ao companheirismo, como nos exemplos que citamos logo acima, sendo que as atividade e a busca pela justiça fazem desses homens melhores dia a pós dia. Sendo que, após nos debruçarmos sobre o longo caminho que o filósofo nos trouxe sobre as concepções de amizade e aprendendo de como ser amigo, como atingir a amizade por meio das virtudes entendemos a necessidade da formação de uma amizade que se dá não pelos diferentes, mas pelos iguais.

E sendo esses os melhores aqueles que praticam o bem e a justiça porque objetivam a felicidade, cabe-nos mergulharmos em uma compreensão para a amizade nos dias de hoje, aprofundando-nos um pouco mais nos exemplos já citados, do pequeno príncipe e a sua amizade para com sua rosa e também na amizade entre dois amigos que desde crianças criaram uma cumplicidade e uma forma de amor amigo, que é o Cascão e o Cebolinha, que mostraram maturidade e desenvolvimento do que é ser amigo, como ser amigo e estabeleceram um exemplo fascinante sobre a amizade entre iguais.

Isso se confirma com Aristóteles (2008, p. 215) ao afirmar que:

(...) ao passo que a amizade dos homens bons é boa porque cresce com companheirismo; e pensa-se que eles se tornam melhores graças às suas atividades e à boa influência que uns tem sobre os outros, pois cada um recebe dos demais o modelo das características que ambos aprovam – e daí o aforismo: “nobres ações nobres de homens nobres.

A amizade que esteve presente em todos os povos dos quais conhecemos, toma corpo e forma na Grécia antiga onde os filósofos se debruçaram para compreender esse tema magnífico que está inerente ao ser humano, mostrando que sem ela não se pode haver a felicidade, nem o bem muito menos a justiça. A amizade que está no amago de todo relacionamento, como o trampolim para todas as formas de amor, como a palavra "cativar", se torna essencial para se construir a amizade, sendo o segredo profundo onde o amigo é amado e consegue amar o outro. Basta-nos agora refletir sobre a amizade nos dias atuais, e perceber como o filósofo pode ser aplicado procurando uma atualização do mesmo a fim de garantirmos também a felicidade proposta por ele, se é que esta é realmente possível. O contexto mudou, mas Aristóteles parece estar presente a querer ensinar-nos algo novo sobre o tema da amizade.

Faremos agora uma abordagem sobre a amizade nos dias atuais, procurando constatar se as ideias defendidas por Aristóteles ainda fazem parte da sociedade contemporânea.

4 A AMIZADE NOS DIAS ATUAIS E A VIRTUDE ARISTOTÉLICA

Ao falar de amizade nos dias atuais é impossível não lembrarmos de Aristóteles, pois ele trouxe grandes contribuições para a nossa sociedade. Hoje, não são poucas as relações de amizade que acontecem sobre a influência da mentalidade capitalista, já que os indivíduos precisam sobreviver/viver nos espaços em que vivem.

Outro fator determinante para olharmos as relações de amizade em nossos dias seriam as situações existenciais em que o homem se encontra. Vivenciamos a pós-modernidade e nesta o homem desconfia da ciência e agora passa a refletir sobre seus problemas existenciais e deixa por muitas vezes de procurar as relações amistosas, pois desacredita no outro, passando por uma crise existencial ou de identidade. O autor Jair Ferreira dos Santos mostra que o sujeito inserido na pós-modernidade esta atrelado a uma fragmentação onde a economia, a tecnologia eletrônica, a arte e por fim, os estilos de vida e de filosofia levam ao homem contemporâneo ser de dois modos, como destaca Santos (1988, p.11):

a) A criança radiosa – o individuo desenvolvido, sedutor, hedonista integrado á tecnologia, narcisista com identidade móvel, flutuante, liberado sexualmente, conforme incensam Lipovetsky, Fiedler e Toffler, alegres gurus que vamos visitar logo mais.

b) O androide melancólico – o consumidor programado e sem historia, indiferente, átomo estatístico na massa, boneco da tecnociência, segundo o abominam Nietzsche e Baudrillard, Lyotard, profetas do apocalipse cujo evangelho também vamos escutar.

Em nome do desenvolvimento e a busca do “progresso” houve a fragmentação da ciência e consequentemente do homem, quebrando a sua integralidade. As ciências vão se especializando muitas vezes em rupturas abruptas de outras e da própria sociedade, provocando um isolamento que se estende para a comunidade.

Encontramos um paradoxo, onde os meios de tecnologia avançam constantemente, onde aproxima os sujeitos distantes, e distancia os sujeitos próximos. O que domina é um mercado capitalista que nos forma para sua demanda descaracterizando os laços de amizade. Assim, nos transformamos em mercadoria expostas para o capitalismo.

Essas relações pós-modernas identificam também a priorização pelo aspecto do embelezamento ou da aparência que vale mais que o ser em sua essência,

sendo dessa forma o indivíduo é desvalorizado e sua aparência na sociedade supervalorizada, abrindo assim uma fragmentação dos laços sociais, como a amizade, pois o que importa é o parecer e não o ser na sociedade contemporânea.

Santos (1998, p. 12) descreve essa valorização da beleza da seguinte maneira:

Saque essa. "Que criança linda" – disse a amiga á mãe da garota. – "Isto é porque você não viu a fotografia dela a cores" – respondeu a mãe! Cínica, a piada contem a essência da pós-modernidade: preferimos a imagem ao objeto, a copia ao original, o simulacro (a reprodução técnica) ao real. E por quê? Porque desde a perspectiva renascentista ate a televisão, que pega o fato ao vivo, a cultura ocidental foi uma corrida em busca do simulacro perfeito da realidade. Simular por imagens como na TV, que dá o mundo acontecendo, significa apagar a diferença entre real e imaginário, ser e aparência. Fica apenas o simulacro passando por real. Mas o simulacro, tal qual a fotografia a cores, embeleza, intensifica o real. Ele fabrica um hiper-real, espetacular, um real mais real e mais interessante que a própria realidade.

Se o sujeito agora está fragmentado e o que vale são as aparecias, portanto devemos concluir que o amor e a amizade estão sujeitos a essas alterações, colocando em evidência as virtudes propostas por Aristóteles e modificando a nossa compreensão sobre a amizade na ética a Nicômaco.

Devemos nos aprofundar nessa contextualização pós-moderna e buscarmos um ressurgimento das teorias propostas pelo filósofo grego conhecendo os problemas pós-modernos, sem cair em um reducionismo, onde essa fragmentação da amizade estabelece uma continuidade ou descontinuidade das virtudes.

Também a relação de amizade configurada hoje pode estar atrelada a questão da posse do outro, distinguindo as formas de amizade contemporâneas, onde essa solidão existencial contemporânea é sanada pelo desejo de apoderamento do outro. Assim, essa compreensão da amizade pela filosofia nos leva a refletir sobre o amor e a amizade nos nossos dias, afirmando o que o autor Ghiraldelli, (2011, p. 83) reflete na música de Erasmo Carlos:

Filosofia é poesia, é o que dizia minha vó. Antes mal acompanhada do que só. Você precisa de um homem para chamar de seu. Mesmo que esse homem seja eu". Essa lírica de Erasmo Carlos diz muito do amor, aponta para o que está implícito no amor erótico: a posse – ainda que relativamente só verbal – o ciúme.

O autor identifica essa relação também para além da posse do outro sobre o sujeito amado identificando uma reflexão sobre o amor ou amizade como um sentimento e uma relação. Pois o amante dedica-se ao outro com tempo e esforço para que o sentimento possa acontecer. Como aponta Ghiraldelli, (2011, p. 84):

A filósofa da Universidade de Oklahoma, Neera Badhwar, ao falar sobre a amizade e amor, lembra a celebre formula de C.S Lewis, de que a amizade absorve pessoas ombreadas num interesse comum enquanto o amor absorve pessoas umas nas outras, numa relação olhos nos olhos. Mas o amor, nem por isso, diz Lewis é incompatível com uma grande amizade entre os amantes. Aliás, Platão, no Fedro, fez da amizade um continuo do amor, motivados ambos os parceiros pela busca pelo Belo e energizados pela conversa filosófica. Badhwar começa por essa via para, ao contrario de vários outros filósofos, defender que não há incompatibilidade entre amor romântico e amizade.

Essa observação do filósofo sobre a filosofia proporciona um novo olhar sobre a amizade atrelando este ao amor romântico, onde um casal pode ser amigo, mas também destacando que não necessariamente dois amigos viverão um amor romântico. O ponto diferencial é a relação de ciúme entre ambos, destacando que essa, se refere apenas a casais.

É o que aponta Ghiraldelli, (2011, p. 85):

O ciúme, para ela, esta presente porque o amor envolve tempo e interesse. O que é o transito que um amante faz na direção de um novo amado que deixa o velho sabendo que sua relação amorosa vai acabar? Ora, simplesmente isto: o tempo e a atenção. O novo amor, ou melhor, dizendo, o novo amado, começa há ganhar mais tempo e atenção que o antigo. Portanto, é duro não convencer o antigo de que o amor é exatamente isto, gasto de tempo e atenção. É difícil também não deixar o novo amado saber que, se está ganhando tempo e atenção, esta diante de uma pessoa que já se apaixonou.

Evidentemente o filósofo destaca a preocupação entre diferenciar o amor e amizade justamente pelo sentimento do ciúme de um para com o outro, sendo estranho perceber, por exemplo, o ciúme de um amigo que teria saído com outro amigo, pois esse fato estaria associado justamente apenas para aquele estabelecesse uma relação amorosa de casais. Constatamos em nossos dias que haveria preconceito caso observássemos uma atitude de ciúmes entre amigos, colocando-os em outro patamar afetivo.

Aprofundando nossa reflexão sobre a amizade na atualidade poderíamos nos remeter a concepção de virtude (*aretê*) aristotélica nos dias de hoje onde

encontramos o filósofo Alasdair MacIntyre que em seu livro "Depois da Virtude", aponta críticas a virtude estabelecida pela modernidade, que é conhecida como iluminista, ou baseada na especulação e valorização da razão e da ciência, e na virtude contemporânea que esta direcionada pelo emotivismo. O filósofo contemporâneo escocês propõe dessa forma uma compreensão da virtude por meio da historicidade, onde a compreensão da moral e da ética sofre variações, pois esta atrelada ao espaço e ao tempo em que esta inserida e propondo assim um relativismo no campo da moral.

Assim MacIntyre, 2001, (p. 445-446):

Os assuntos da filosofia moral, pelo menos – os conceitos normativos e valorativos, as máximas, as argumentações e os juízos sobre os quais o moral filósofo pesquisa –, não serão encontrados em lugar nenhum, a não ser dentro da vida histórica de determinados grupos sociais e, assim, possuindo características peculiares da existência histórica.

Mostrando que durante a história da filosofia existe uma peculiaridade nas praticas morais de cada povo em determinada época e cultura, o autor propõe uma análise da virtude, demonstrando que a compreensão da virtude ao longo do tempo foi ficando cada vez mais difícil. Buscando um resgate para a compreensão da virtude sendo que esta, ao longo do tempo está perdendo a sua essência e caindo em um relativismo. Por isso, o filósofo contemporâneo estabelece três estágios que possam ser analisados de forma ascendente e exprimindo diferentes formas da vida moral. Primeiro tem-se a noção de prática, que esta atrelada ao comportamento individual do sujeito. Segundo, a noção de unidade narrativa da vida humana onde o filosofo mostra que as diversas práticas da virtude no cotidiano tenham uma relação de unidade entre si. E em terceiro, o estabelecimento de relação entre virtude e a tradição, onde o sujeito associa práticas de virtude com a comunidade onde está inserido.

Diante disso, MacIntyre (2001, p. 316):

Qualquer forma coerente e complexa de atividade humana cooperativa, socialmente estabelecida, por meio da qual os bens internos a essa forma de atividade são realizados durante a tentativa de alcançar os padrões de excelência apropriados para tal forma de atividade, e parcialmente dela definidores, tendo como consequência a ampliação sistemática dos poderes humanos para alcançar tal excelência, e dos conceitos humanos dos fins e dos bens envolvidos.

Assim, o filósofo escocês propõe um relativismo na moralidade, pois é o sujeito que procura evidenciar o que é bom para si mesmo, sendo, portanto uma forma relativista. O ponto chave em questão é colocar dessa forma a virtude aristotélica em destaque, desvalorizando as concepções de excesso e falta e a busca da felicidade, onde a amizade é o ponto nevrálgico para a construção das relações sociais.

Lembramos que o conceito de amizade no livro VIII e IX da *Ética a Nicômaco* de Aristóteles é tratado como um teor de soberania dela para com as demais virtudes, apresentando uma relação entre política e ética. Fazendo assim uma distinção entre amizade, amor e benevolência.

A amizade é relação de dois ou mais sujeitos que estão ligadas pelo afeto e atitudes que estão direcionadas para o bem. Mas o filósofo estagirita propõe um olhar mais profundo, definindo a amizade como um hábito, como disposição de caráter, onde o amigo se empenha, tendo como finalidade, atingir o bem.

4.1 Em Busca do que é ser amigo hoje em dia

Diante das constatações levantadas anteriormente observando a pós-modernidade com suas peculiaridades, e por meio de um relativismo da virtude, procuramos evidenciar o que seria o amigo nos dias atuais propondo como ponto chave as reflexões do filósofo.

O capitalismo enaltece uma sociedade de consumo provocando um ambiente de coisificação ou retificação do indivíduo, transformando as relações entre homens não pelo ser mais pelo possuir. Dessa forma, as relações de mercado então entrelaçadas nas relações sociais, distorcendo ou esmagando os princípios éticos e de cidadania, tornando os indivíduos como meios para se obter algo e não finalidades, onde elementos como a bondade e também a solidariedade foram abandonados.

Desde a antiguidade a ciência busca a verdade científica pela racionalidade, tendo a razão por base, passando pela revolução científica, até atingir a razão tecnocientífica atual. Essa transferência da razão científica para o logos e comportamento humano, deu origem ao *ethos* social, originando a ética.

Esse *ethos* é individual e comunitário, pois está contida na história e necessariamente está submetida à prática social dos indivíduos. O próprio

Aristóteles reconhece a ética como ciência do *ethos*. Assim, o homem só desenvolveria suas potencialidades, realizando a prática da virtude e desenvolvendo plenamente a ética na *pólis* grega, sendo que apenas os cidadãos gregos eram livres.

A *pólis* pode ser entendida como uma atividade desenvolvida através de princípios que objetivavam o bem comum de uma comunidade, onde esses costumes são necessariamente peculiares a um sentimento de comunidade. Assim o indivíduo da polis deveria utilizar de sua sensibilidade e aplicar por meio da razão com a finalidade de garantir uma sociedade mais justa e feliz, o sujeito em sociedade na *pólis* grega conseguia obter prazer por aquilo que fazia. Essa sensibilidade era estimulada por meio do cotidiano mediante a educação que visava o bem comunitário.

Assim, Aristóteles afirmava que o *ethos* era resultado tanto da natureza do indivíduo como da educação que este recebia na *pólis* grega, é um caráter moral que é adquirido por meio dos hábitos praticados no dia a dia e esses deveriam ser hábitos por meio da repetição de atos bons.

Essa crise apontada pela pós-modernidade apontada anteriormente, nos faz refletir, onde ao olharmos sobre as relações sociais nos deparamos com conflitos e desembocam nas relações éticas e políticas. O diálogo, a amizade se torna banalizada. Os relacionamentos tornaram-se virtuais. A internet nos possibilita saber o que acontece do outro lado do mundo em uma rapidez impressionante, contudo, nos distância do vizinho que mora ao nosso lado, ou do familiar que mora conosco, assim o sedentarismo ganhou espaço.

Mesmo com essa comodidade extrema, e as novas tecnologias, percebemos que no fim do dia não temos mais tempo para nada, nem para carregar o celular sobra tempo. A indústria cultural nos enche de aparatos que muitas vezes, nos molda, colocando discursos que pregam o amor, e por outro lado apresentam crimes passionais em telejornais e traições nas novelas e isso é uma desconstrução na ética e nos valores apresentados pelo estagirita.

Aristóteles, lembra muito bem que a própria amizade não morre, sendo que até o amor pode deixar de existir, pois a amizade vive enquanto existir bondade. Assim, é necessário desconstruir o construído pela sociedade pós-moderna, em busca de um caráter ético, como referencial, em uma sociedade marcada por tantas "verdades" impostas por diversos grupos sociais. Assim, os valores éticos devem ser

cultivados (solidariedade, a justiça e etc.), utilizando a razão não como o sistema atual prega, mas por meio das próprias faculdades racionais.

A amizade é um fator essencial para um bom relacionamento entre os indivíduos e a comunidade, e essencial como atração para que estabeleça um sentimento recíproco entre as pessoas. O autor norte americano, que é psicoterapeuta, faz uma análise considerando o tempo atual, e olha para as relações mais íntimas procurando entender o que é o fator amizade, que por sua vez não se distancia do que Aristóteles há muitos séculos já havia descoberto.

Assim, McGinnis, (2006, p.20) diz que:

Você já se perguntou por que algumas pessoas são capazes de atrair outras e de conquistar a admiração e o afeto dos amigos? Alguns homens e mulheres de aparência comum atraem o sexo oposto como um ímã atrai limalhas de ferro. Executivos que podem parecer bastante discretos, às vezes circulam por uma extensa rede de amigos leais, e por isso progredem rapidamente. Essas pessoas podem ou não ser ricas, inteligentes ou respaldadas por uma educação dispendiosa. Todas, porém, tem um elemento em comum, um aspecto da personalidade que faz com que sejam respeitadas e admiradas. É o que chamo de fator amizade.

Assim o discurso ético aristotélico é uma prática imediata, mostrando que a teoria e a ação se complementam. Ora essa formação dos valores éticos é dada por meio da educação, que se encontra muito fragilizada em nossos dias, pois esta atrelada aos princípios do sistema capitalista. Também, a arte e o esporte contribuem para essa formação, tendo em vista que nasce das relações sociais a ética, os valores, a busca pela felicidade verdadeira.

4.2 Amizade entre Cascão e Cebolinha

Os dois personagens escolhidos como forma de aprofundamento no tema proposto se apresentam devido a dois aspectos fundamentais: primeiro por serem personagens conhecidos da nossa contemporaneidade, e tidos no ideológico como fundamentais para a compreensão de amizade. E em segundo plano, a relação apresentada pelo quadrinista Maurício de Sousa, onde devidamente faz uma explanação contextualizada no processo de vida existencial contemporânea como existe a solidificação da amizade, tendo por base a virtude medianica proposta pelo filósofo Aristóteles.

Desde a tenra infância Cebolinha e Cascão mostram um sinal de respeito mútuo e cumplicidade, um estreitamento de laços afetivos estabelecendo uma amizade no enquadramento aristotélico, uma ruptura com o pensamento reducionista sobre o pós-moderno. E assim as relações sociais, ainda podem ser vistas através do cotidiano e das experiências simples.

Passando pelos estágios da vida, desde o nascimento os dois personagens criam laços, sendo fortificados na juventude, ou nas peraltices de crianças, tendo suas peculiaridades, onde o Cascão odeia tomar banho e prefere permanecer sujo, e em oposto o Cebolinha, mas isso não se torna empecilho para uma amizade fraterna.

Impressionante também destacarmos, essa relação na idade adulta, salientando a diferenciação que o filósofo Ghiraldelli, fez logo acima no capítulo, entre o amor e a amizade, pois em fase adulta o Cebolinha conhece uma mulher, e acaba se casando, e estabelecendo uma amizade e um amor conjugal. Mesmo assim, com uma nova vida e um novo ritmo de ser, a amizade entre Cebolinha e Cascão não se desfaz. O que acontece não é um ciúme do amigo por que o Cascão casou-se, mas sim surge uma saudade de compartilhar os bons momentos da vida com o amigo.

Assim afirma, Chalita (2003, p. 175):

Quando pensamos na amizade, é mais fácil lembrar da convivência dos amigos e das coisas que eles fazem juntos. Mas é importante ressaltar que a atividade da amizade é distinta da amizade em si. Isso decorre simplesmente do fato de que, mesmo separados pela distância, a verdadeira amizade, continua a existir, ainda que talvez possa "esfriar", se os amigos passam muito tempo sem se ver e se comunicar. De qualquer forma, muitas amizades se sustentam por anos, por exemplo, através da troca de cartas, que eram muito mais românticas que os e-mails de hoje em dia. Quem tem em casa mensagens, de amigos de outras cidades, de outros tempos, conhece bem a força que as amizades tem para superar a distância e a saudade.

E a finalização dos quadrinhos se dá de forma esplendida propondo uma amizade que visa o bem do outro como propunha o filósofo Aristóteles há muito tempo na Grécia antiga. Não é uma amizade que visa o interesse de bens materiais, nem uma amizade que busca apenas o próprio prazer, mas sim uma amizade que se justifica pela relação de uma vida compartilhada desde o nascimento de ambos os garotos que se fortificou durante o passar dos anos e que amadureceu entre um compromisso de justiça, visando o bem do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos fatos mencionados, é de grande importância fazer um estudo sobre o conceito de amizade nos livros VIII e IX da *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles. Uma excelente obra que relata sobre o agir humano, sendo de fundamental importância para a sociedade, e em particular para os amantes da filosofia. Percebemos que a reflexão aristotélica está presente em nossos dias e que o filósofo continua vivo em nossas mentes, mostrando caminhos e interpretações viáveis sobre a amizade humana. No livro VIII da *Ética a Nicômaco* o conceito de amizade como virtude, é fator que define o homem, a alma humana, as virtudes de prudência, a justiça e a felicidade, está que ele diz ser possível atingir quando o homem possui amigos verdadeiros, e para se conseguir leva tempo e intimidade entra as pessoas.

Notamos que de acordo com o pensamento do filósofo todas as relações de amizade se dão na *pólis* grega, portanto, no meio político, colocando a amizade no mesmo patamar da justiça como elemento essencial. Assim, a amizade é superior em relação às outras virtudes, ou seja, o amigo é prudente e justo, onde nele encontramos o caráter da virtude que é buscado por todo o cidadão da *pólis*.

Por tanto, uma amizade entre dois seres humanos, que se aproxima muito da *Ética a Nicômaco* de Aristóteles, é a dos personagens da turma da Mônica do autor brasileiros, Mauricio de Sousa, sendo eles: Cascão e o Cebolinha. Nesse caso a amizade desses personagens fictícios torna-se quando os dois crescem e seguem sua vida, com seus trabalhos distintos e sua nova rotina diária, contudo, é fascinante a saudade que um sente do outro, onde é perceptível que a amizade não se esfria com o passar dos anos, muito pelo contrário, se aquece cada vez mais mesmo que seja na distância.

Diante desse fato, a partir da analogia feita pela obra de Aristóteles com a obra fictícia de Maurício de Sousa, entendemos que amizade nos dias atuais é necessária, contudo ela foge do proposto por Aristóteles, pois no mundo pós-moderno a amizade verdadeira se tornou algo raro, sendo que a amizade perfeita proposta por Aristóteles foi banalizada. Porém, é algo que precisa ser colocado em evidência novamente na atualidade, como busca de relações concretas. Pois é notório que passamos por uma crise nas relações de amizade, onde muitas pessoas não dispõe de tempo para ter dedicação com seus amigos.

Um fator muito presente nos dias atuais é a influência das redes sociais na vida dos seres humanos, pois ela contribuiu para o surgimento de amizades a distância e para contatos superficiais, que são aqueles que as pessoas na contemporaneidade têm com alguém que elas não conhecem pessoalmente, mas que as definem muitas vezes como amigos. Isso não pode ser definido como amizade e sim um hiper-individualismo, pois muitas pessoas usam as redes sociais para se isolarem do restante do mundo e deixam de buscar uma amizade mais consistente.

Essas amizades virtuais que eram desconhecidas pelo filósofo carecem da mesma reflexão proposta na ética a Nicômaco para se tornarem concretas e verdadeiras. Sendo que ele dava importância a esse assunto, como fator essencial na vida em sociedade.

REFERÊNCIAS

- ABRAO, Bernadete Siqueira. **História da Filosofia**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- ARENDT, Hanna. **A Condição Humana**. São Paulo: Forense Universitária. 1999.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 3 ed. São Paulo: Martin Claret, 2008.
- BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- CHALITA, Gabriel Benedito Isaac. **Os Dez Mandamentos da Ética**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.
- DEL VECCHIO, Giorgio. **História da Filosofia do Direito**. Belo Horizonte: Líder, 2006.
- GAARDER, JOSTEIN. **O Mundo de Sofia: romance da história da filosofia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GHIRALDELLI JR. Paulo. **Como a filosofia pode explicar o amor**. São Paulo: Universo dos livros. 2011.
- GHIRALDELLI JR. Paulo. **Dossiê Platão**. São Paulo: Universo dos Livros, 2011.
- JAEGER, Werner Wihelm. **Paideia: A Formação do Homem Grego**. 4Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- JAPIASSÚ, Hilton. **Dicionário Básico de Filosofia**. 4.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.2006.
- KONSTAN, David. **A Amizade no Mundo Grego**. São Paulo: Odysseus Editora, 2005.
- MACINTYRE, Alasdair. **Depois da Virtude**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- MCGINNIS, Alan Loy. **O Fator Amizade**. São Paulo: Paulus, 2006.
- MORAES, Vinicius de. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960.
- PEGORARO, Olinto. **Ética dos maiores mestres através da história**. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes,2008.
- PLATÃO. **O Banquete – Apologia de Sócrates**. 2ªed. Belém: EDUFPA, 2001.
- PLATÃO. **Oeuvres Completes: Górgias**. Tomelll, 2e.Partie. Paris: Societé D'Édition " Les Belles Lettres". 1949.
- SAINT- EXUPÉRY, Antonie de. **O Pequeno Príncipe**. 48ed. Rio de Janeiro: Agir. 2006.

SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno**. 18ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1998.

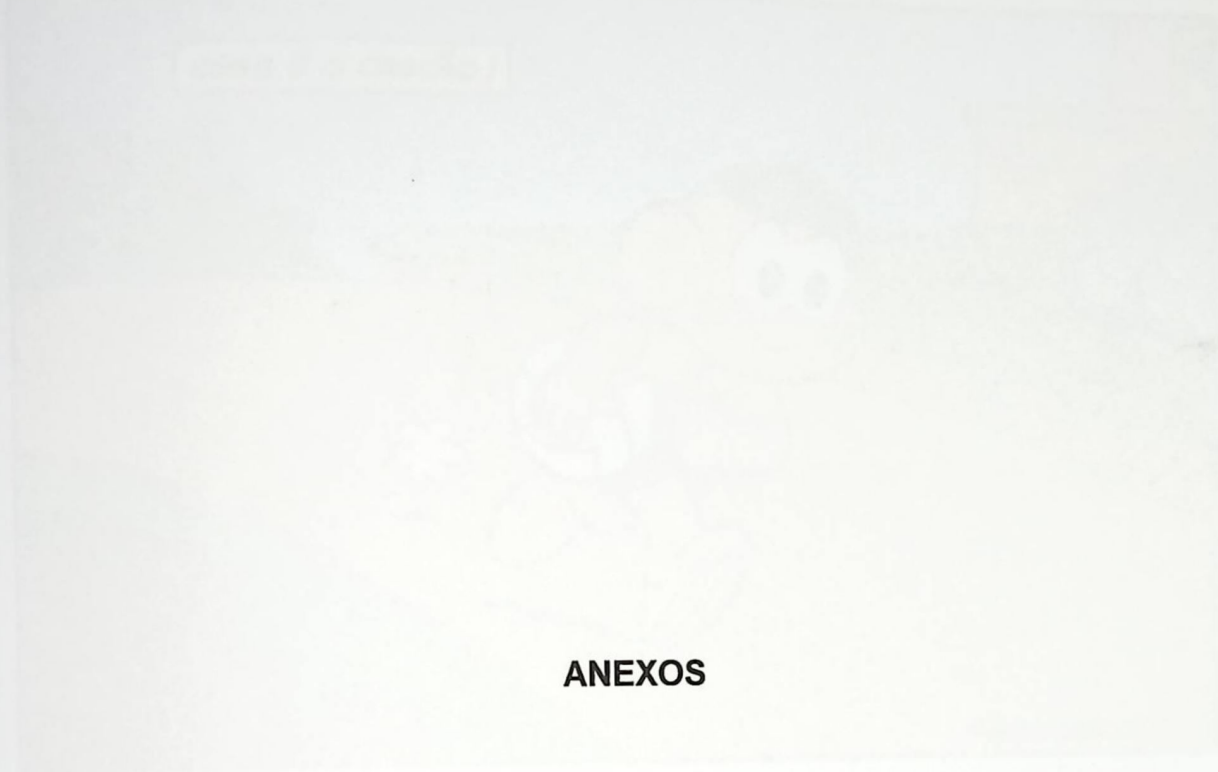
SHAFFER, Andrew. **Os Grandes Filósofos que fracassaram no amor**. São Paulo: Leya, 2012.

SÓCRATES. **Os pensadores-Sócrates: Vida e Obra**. São Paulo: Nova Cultura Ltda, 2000.

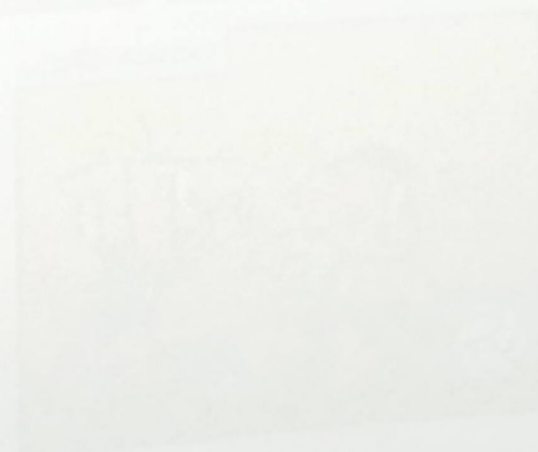
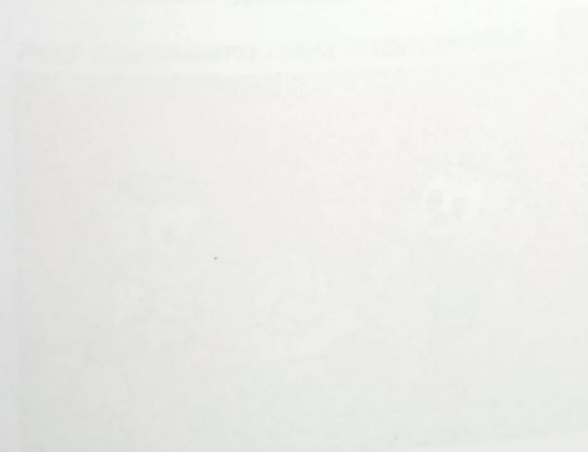
VERNANT, Jean Pierre. **As Origens do Pensamento Grego**. 4ªed. São Paulo e Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

CICERO A COLUMBA EN AMIZADE

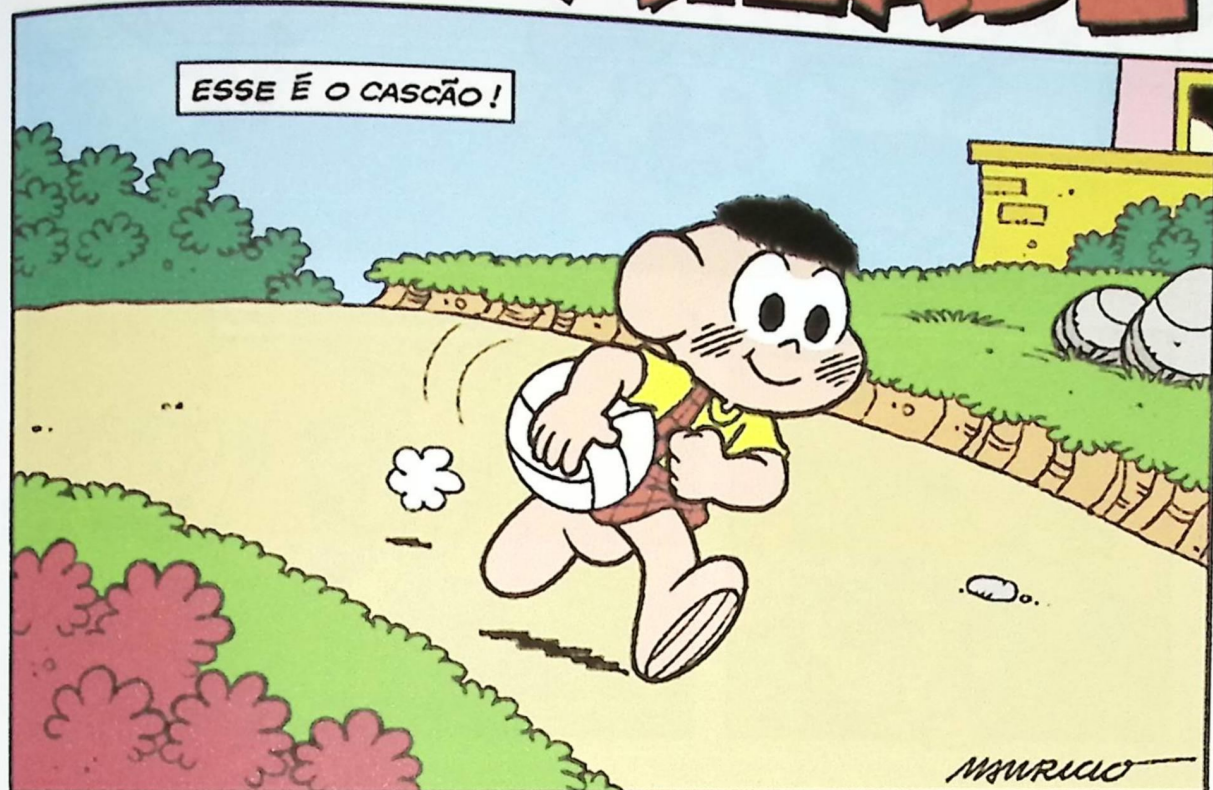
CONSEJO DE ASESORES



ANEXOS



CASCÃO & CEBOLINHA em AMIZADE



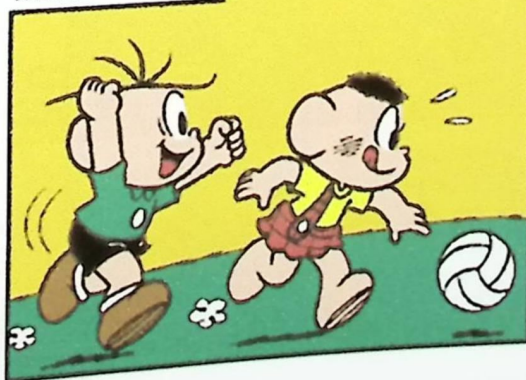
AMIGOS SABEM QUANDO SERÃO AMIGOS!



POIS COMPARTILHAM MOMENTOS...



...DÃO FORÇA!

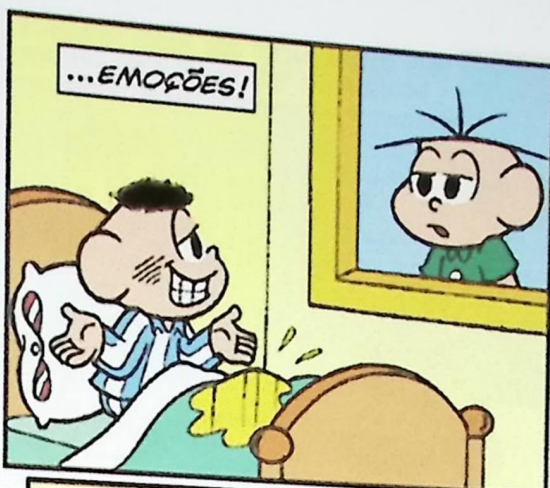




É COMPARTILHAR
SEGREDOS...



...EMOÇÕES!



É COMPREENSÃO ...



...É DIVERSÃO!



É CONTAR COM
ALGUÉM ...



... SEMPRE QUE
PRECISAR!



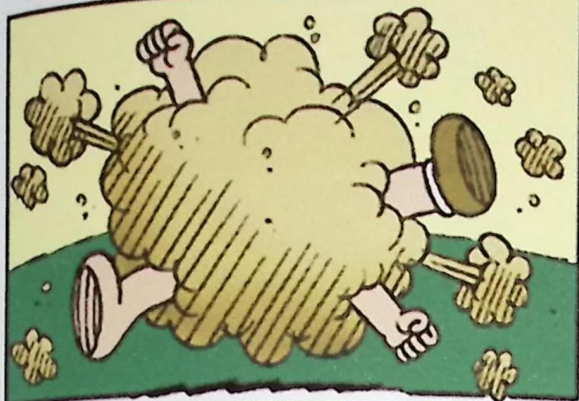
É TER ALGO EM COMUM!



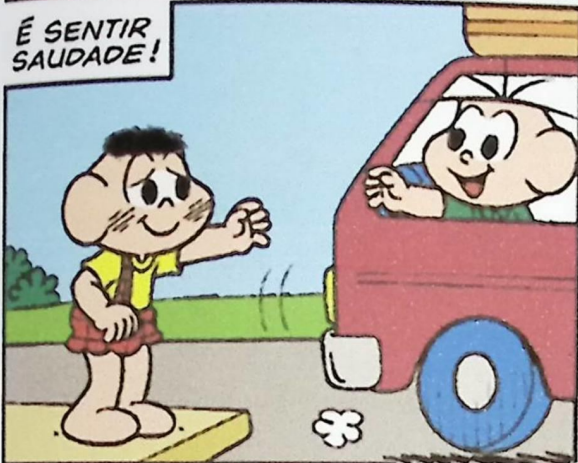
É NÃO TER NADA EM COMUM!



É NÃO TER NADA EM
COMUM, **MESMO!**



É SENTIR
SAUDADE!



É SABER QUE SE TEM MAIS EM
COMUM DO QUE SE IMAGINA!



É QUERER DAR
UM TEMPO!



É DAR PREFERÊNCIA!



É BATER UM CIUMINHO!



AMIZADE QUE É AMIZADE
NUNCA ACABA!



MESMO QUE A GENTE CRESÇA!



E APAREÇAM OUTRAS PESSOAS
NO NOSSO CAMINHO!



